



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

ALCEMIR GOMES MORAIS

**INFORMAÇÃO E NATALIDADE: práticas informacionais de mulheres para a
tomada de decisão da via de nascimento no DF**

Brasília (DF)
2020

ALCEMIR GOMES MORAIS

INFORMAÇÃO E NATALIDADE: práticas informacionais de mulheres para a tomada de decisão da via de nascimento no DF

Monografia apresentada como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da Universidade de Brasília (UnB).

Orientador: Prof. Elton Mártires Pinto.

Brasília (DF)
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M827i Morais, Alcemir Gomes.

Informação e natalidade: práticas informacionais de mulheres para a tomada de decisão da via de nascimento no DF / Alcemir Gomes Morais. – Brasília, 2020
63 f. : il. color.

Orientador: Elton Mártires Pinto.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Brasília, DF 2020.

1. Práticas informacionais. 2. Uso da informação. 3. Informação para natalidade. 4. Parto e nascimento. 5. Tipos de parto. I. Título.



Título: Informação e Natalidade: práticas informacionais de mulheres para a tomada de decisão da via de nascimento no DF.

Aluno: Alcemir Gomes Moraes

Monografia apresentada remotamente em **03 de Agosto de 2020** à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Elton Mártires Pinto – Orientador
Professor da Faculdade de Ciência da Informação (FCI/UNB)
Mestre em Ciência da Informação

Michelli Pereira da Costa - Membro
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (FCI/UNB)
Doutora em Ciência da Informação

Daphne Rattner - Membro
Departamento de Saúde Coletiva – Faculdade de Saúde FS/UnB
Doutora em Epidemiologia

Em 20/08/2020.



Documento assinado eletronicamente por **Elton Mártires Pinto, Usuário Externo**, em 21/08/2020, às 20:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Alcemir Gomes Moraes, Usuário Externo**, em 22/08/2020, às 10:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Michelli Pereira da Costa, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 22/08/2020, às 15:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Daphne Rattner, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciências da Saúde**, em 24/08/2020, às 22:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site



http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](#), informando o código verificador **5607250** e o código CRC **3CFAE9BE**.

Referência: Processo nº 23106.077039/2020-94

SEI nº 5607250

À minha mãe, Santana, e ao superpoder da natalidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, **Santina Gomes**, pela força, pelo amor, pela bondade, por, mesmo com medo, lutar por mim. Por ser minha lembrança mais antiga guardada. Obrigado por ser o meu primeiro momento inesquecível.

Às mães que aceitaram participar desta pesquisa, pela disponibilidade mesmo durante um tempo em que a prole toma muito tempo e o cansaço é extremo.

Às yabas **Yemoja**, **Oya** e **Osun**, por serem minhas referências espirituais sobre feminilidade, fertilidade e maternidade.

À professora **Daphne Rattner**, por me acolher na ReHuNa, me ensinar o valor da humanização, por me inserir no cotidiano da Universidade de Brasília, quebrando a barreira que me impedia de me ver ocupando esse espaço, por toda docência e por, também, encorajar meu tema e aceitar participar da banca avaliadora.

À professora **Michelli Costa**, por aceitar participar da banca, ser uma professora maravilhosa e acreditar no meu tema desde o início, identificando o melhor orientador para minha pesquisa.

Ao meu orientador, professor **Elton Mártires**, por aceitar me conduzir e ser um direcionador tão empenhado em ajudar, me tratando sempre com empatia, respeito, amizade e segurança. Que o mundo te devolva a disponibilidade que me doou.

Mariinha Araújo, por me acolher em seu lar sempre e amenizar um pouco da saudade. Pelas tardes de domingo, a pipoca, o carinho e por me deixar usar a paz de sua casa para escrever. **Tatiane Araújo**, minha gêmea, por ser parceira em tudo e me incentivar com força.

Família Adolfo, por me adotar e fazer questão da minha participação nessa loucura maravilhosa que são vocês e por sempre festejarem minhas vitórias. **Fernanda Assêncio**, pela ReHuNa, por se esforçar em me levantar quando eu caí, por ser minha parceira de samba e pagode e por me fazer sentir muito querido quando eu achava que era invisível. **Caio Augusto**, por me ensinar a escrever redação, com isso este desafio foi facilitado.

D. Célia, por ser tão carinhosa, autêntica, preocupada. **Edenilson Santana** por me trazer vivacidade, compromisso, amizade, foco, motivação, entusiasmo, calma e amor como eu nunca pensei que fosse ter.

Jenifer, Jonas, Gustavo e Rodrigo, por ser essa família tão linda que me fazia desacelerar o coração nos momentos de tormento em que os afazeres acadêmicos e a ansiedade se uniam para me enlouquecer.

D. Isolina por me impulsionar e cobrar o resultado do ENEM até que eu desse a notícia positiva. **Silvio Roberto Jr** por me incentivar em meus planos e sempre desarmar minhas autossabotagens, por ser meu amigo, por manter a mente calma de uma forma inumana, por estar sempre disposto a me ajudar e por todas as nossas pequenas alegrias e felicidades juntos.

Liliane Brito, por ser minha amiga, irmã e mãe, por me dar o primeiro caderno, por me incentivar e por ser maravilhosa.

Danilindo Ferreira, por ter sido duas vezes o portador da boa nova, por ser o melhor par de dança que alguém poderia querer, por torcer por mim desde o começo e pelo sorriso lindo.

Ninho dos Escorpiões, por serem a família e o suporte sempre que eu precisei.

UnBiblio XXXIII, minha turma de irmãos e amores, agradeço pela jornada. Ver vocês passarem da adolescência para a fase adulta foi tão incentivador que me rejuvenesceu. **Nathalia Rezende**, pela convivência cheia de fé, entusiasmo, incentivo, ajuda e amor. **Andreza Lopes**, pelo apoio logístico no estágio, pelo vovô e a Florinha, pela atenção e amizade. **Beatriz Santos**, minha inseparável amiga, confidente, melhor ouvinte sem julgamento, por nunca me abandonar, por toda paciência com minhas crises e por sofrer o TCC comigo até o fim. **Lucas Henrique**, por dar asas e ouvidos aos meus devaneios filosóficos/espirituais/existenciais e ser o melhor parceiro de criatividade cósmica do mundo.

Fernanda Percia, pela disposição em desvendar a simplicidade que minha mente dificultava sempre. **Clara Kralco**, por ser uma excelente bibliotecária administrativa e de referência nesse mundo de catalogadores. **Aline Mesquita**, por me suportar na pior fase do trabalho e, mesmo de longe, se mostrar preocupada com meus resultados. **Hanna Rodrigues**, por me acompanhar na saga do TCC e por me inspirar e ajudar neste trabalho.

Anastácia Oliveira, pela visão excelente e simples, treinada para abrilhantar e descomplicar tudo o que olha.

Larissa Catunda, por acreditar e incentivar meu tema e por se tornar uma amiga preciosa. Ao bibliotecário **Marcelo Scarabuci** pela ajuda nos detalhes do meu trabalho desde o princípio, pela amizade e pelas muitas risadas cúmplices.

Priscila Braga e Aristides Ribeiro, pelo sentido perfeito de equipe unida, humana, empática, alegre, mútua e feliz.

Stella Vaz, por tanto auxílio na construção do meu caráter, da minha formação, do meu futuro e da minha fé nas pessoas. **Fátima Costa**, por me ceder um espaço em seu reino e ouvir minhas aflições sobre este trabalho. **Elizabeth Tenório**, por me socorrer nos momentos em que mais precisei e pelo suporte que me é tão valioso.

*Do poder gerador do ventre feminino
aflora ouro da placenta...
Que pari, mesmo diante da dor...
Vida, voz, luta e resistência!
(Solange Santana).*

RESUMO

A forma como nascemos recebe neste trabalho uma análise percebida por meio das práticas informacionais que as mães fazem ao saberem que estão gestantes. Sob o prisma da Biblioteconomia e da Ciência da informação, percorreu-se os períodos dos estudos de usos e usuários da informação, seus paradigmas e respectivas abordagens para conhecer a importância da informação sobre o tema parto e nascimento. Com o objetivo de relacionar as práticas informacionais de mulheres grávidas moradoras do Distrito Federal com sua decisão da forma como seus filhos nasceriam e o local onde aconteceria, almejou-se saber as necessidades de informação que sete mulheres, selecionadas nas sete regiões de saúde do Distrito Federal, perceberam desde quando souberam da intenção ou do fato da gravidez, até o nascimento da criança. O percurso metodológico adotado foi uma pesquisa aplicada, com análise descritiva dos fatos narrados. Seguindo a metodologia qualitativa, os dados foram coletados por meio de levantamento, com perguntas abertas para maior liberdade de resposta, coleta de dados com entrevista semiestruturada. Por meio da análise de codificação temática, pode ser percebido que as mães possuíam conhecimento empírico antes do desejo ou fato da gravidez, porém esse conhecimento se tornou insuficiente em relação à gravidez. A necessidade de informação sobre vias de nascimento e tipos de parto as impeliu a buscar estrategicamente ou receber passivamente informação por fontes mais seguras, acessando por exemplo, obstetras ou grupos de discussão sobre o tema. Como resultado do uso da informação, foi possível compreender como o conhecimento influenciou a segurança das decisões das mães diante de novas informações, novos fatos e novas condições para o parto.

Palavras-chaves: Práticas Informacionais. Uso da informação. Informação para natalidade. Parto. Nascimento. Tipos de parto.

ABSTRACT

The way we are born receives in this work an analysis perceived through the informational practices that mothers do when they know they are pregnant. From the perspective of Librarianship and Information Science, we studied the periods of studies on the uses and users of information, their paradigms and respective approaches to understand the importance of information on the theme of childbirth and birth. In order to relate the informational practices of pregnant women living in the Distrito Federal with their decision on how their children would be born and the place where it would happen, it was aimed to know the information needs that seven women, selected in the seven health regions of the Distrito Federal, they realized from when they knew the intention or the fact of the pregnancy, until the birth of the child. The methodological path adopted was applied research, with descriptive analysis of the facts narrated. Following the qualitative methodology, data were collected through a survey, with open questions for greater freedom of response, data collection with semi-structured interviews. Through thematic coding analysis, it can be seen that mothers had empirical knowledge before the desire or fact of pregnancy, but this knowledge has become insufficient in relation to pregnancy. The need for information on routes of birth and types of delivery impelled them to seek strategically or passively receive information from safer sources, accessing, for example, obstetricians or discussion groups on the topic. As a result of the use of information, it was possible to understand how knowledge influenced the safety of mothers' decisions in the face of new information, new facts and new conditions for childbirth.

Keywords: Information Practices. Information use. Information to the childbirth. Childbirth. Birth. Types of birth.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Sense Making Theory

26

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Estudos e necessidades de informação por períodos	20
Quadro 2	Processo de busca da informação	28
Quadro 3	Conhecimentos científicos sobre a realidade humana e social	34
Quadro 4	Vias e tipos de parto	36
Quadro 5	Cidades do DF distribuídas por regiões de saúde	41
Quadro 6	Primeiro passo: descrição dos dados	43
Quadro 7	Segundo passo: descrição da amostra	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CI	Ciência da Informação
DF	Distrito Federal
FCI	Faculdade de Ciência da Informação
NI	Necessidades de Informação
OMS	Organização Mundial de Saúde
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
SESDF	Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal
UnB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	17
1.1 Problema da pesquisa	18
1.2 Objetivos	18
1.2.1 Objetivo Geral	18
1.2.2 Objetivos Específicos	18
1.3 Justificativa	18
2. REVISÃO DE LITERATURA	19
2.1 Estudos de usuários da informação: conceituação e breve histórico	19
2.2 Evolução dos estudos de usuários pela ótica dos paradigmas	21
2.2.1 Paradigma físico e abordagem tradicional	21
2.2.2 Paradigma cognitivo e abordagem alternativa	23
2.2.3 Paradigma e abordagem social	30
2.3 Vias de nascimento e tipos de parto	35
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	40
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	42
4.1 Descrição dos dados	42
4.2 Descrição da amostra	43
4.3 Descrição e interpretação dos dados	44
4.3.1 Práticas informacionais relacionadas ao parto e nascimento (necessidade, busca, acesso e uso)	45
4.3.1.1 Necessidade de informação	45
4.3.1.2 Busca da informação	46
4.3.1.3 Acesso à informação	47
4.3.1.4 Uso da informação	49
4.4 Informação e tomada de decisão para o tipo de nascimento	50
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
5.1 Identificar as necessidades de informação de mães do DF em relação ao período de gestação e a tomada de decisão sobre a via de nascimento	53
5.2 Identificar práticas de busca, acesso e uso tocantes ao período de gestação e nascimento de mães do DF	54
5.3 Verificar percepções entre gestação, nascimento e informação para a tomada de decisão	54
REFERÊNCIAS	56
APÊNDICE A	61

1. INTRODUÇÃO

Borko (1968) define a Ciência da Informação (CI) como uma disciplina que lida com as propriedades, fluxos e comportamentos da informação, além de recuperação e uso da informação na sociedade. Desse modo, preocupa-se com questões informacionais inerentes à sociedade. Dentro do escopo da CI há disciplinas preocupadas em estudar os usuários da informação e suas práticas e comportamentos informacionais.

Referente a esse campo, Cunha, Amaral e Dantas (2015) apresentam quatro categorias sobre os propósitos gerais dos estudos com usuários da informação: identificar as necessidades de informação (NI) para a tomada de decisão; analisar a interação do usuário com o sistema; identificar as características gerais dos usuários; e apoiar os estudos científicos e comparativos.

Depreende-se dos estudos de usuários que as necessidades de informação surgem a todo o tempo. Decorrente de tais necessidades apresentam-se práticas de busca, acesso, uso e disseminação da informação. Essas práticas são influenciadas por fatores físicos, cognitivos, econômicos, culturais, sociais, entre outros. Por esse motivo é comum que surjam necessidades de informação sobre saúde em pessoas doentes, sobre mecânica em pessoas que desejam comprar um carro novo e sobre maternidade em mulheres que estão gestantes. Esta pesquisa observa as necessidades e as práticas informacionais no tocante à gestação e formas de nascimento. Neste contexto, as necessidades e práticas podem ser voluntárias, como em uma gravidez planejada, ou involuntárias, no caso de gravidez não planejada.

Os indivíduos utilizam a informação para a tomada de decisão cotidianamente. Na realidade, o uso da informação leva a tomada de decisão, como descrito por Choo (2006). Para investigar o papel da informação na tomada de decisão para o nascimento esta pesquisa desdobra-se em uma questão de pesquisa e quatro objetivos, um geral e três específicos.

1.1 Problema da pesquisa

A recomendação da Organização Mundial de Saúde (OMS¹) é de que os partos por via cesárea não ultrapassem 10-15% do total de partos, porém, observa-se em todo o globo o aumento exponencial da frequência dessa prática. Em contraste a isso, práticas de nascimento consideradas obsoletas têm recebido adeptas, como parto natural, humanizado, entre outros. Considerando os pontos expostos, a questão de pesquisa estrutura-se da seguinte forma: Qual a relação entre as práticas informacionais de mulheres gestantes e a decisão da via de nascimento no Distrito Federal (DF)?

1.2 Objetivos

Para responder a tal questão de pesquisa foram definidos como objetivos:

1.2.1 Objetivo Geral

Identificar a relação entre as práticas informacionais de mulheres gestantes e a decisão da via de nascimento no DF.

1.2.2 Objetivos Específicos

- 1) Identificar as necessidades de informação de mães do DF em relação ao período de gestação e a tomada de decisão sobre a via de nascimento;
- 2) Identificar práticas de busca, acesso e uso tocantes ao período de gestação e nascimento de mães do DF;
- 3) Verificar percepções entre gestação, nascimento e informação para a tomada de decisão.

1.3 Justificativa

Desde 1985, a OMS tem alertado as populações mundiais sobre o aumento da incidência de nascimentos por intervenção cirúrgica. No DF, foram registrados, em 2017, 24.393 casos de intervenções e 20.144 partos vaginais em um total de 44.568 nascimentos (DATASUS, 2017).

Desse modo, a inquietação para esta pesquisa surge do questionamento: “Qual a causa desse fenômeno?” Parece compreensível inferir que a ausência de

¹ ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Declaração da OMS sobre taxas de cesáreas. Genebra, 2015. Disponível em: https://www.who.int/reproductivehealth/publications/maternal_perinatal_health/cs-statement/pt/.

informações, fontes adequadas, bem como as práticas empregadas em relação à informação são fatores que contribuem para esses dados estatísticos.

Sendo assim, esta investigação encaixa-se no âmbito dos estudos de uso e usuários da informação e procura compreender a relação entre as práticas informacionais de mães, durante o período de gestação, e as decisões para o tipo de nascimento.

Entendendo a Biblioteconomia e a CI como os melhores mecanismos de investigação e confirmação da veracidade da informação, esta pesquisa pretende analisar as informações, as fontes e as práticas informacionais das grávidas do DF para saber como acontece a escolha de um ou outro tipo de nascimento.

A motivação para esta pesquisa se deu também pelas oportunidades de conhecer a luta de mulheres pela humanização do parto e nascimento em uma conferência internacional sobre o tema. A necessidade que percebi na Biblioteconomia e na Ciência da Informação em obter o benefício social da transformação das pessoas por meio da informação segura e transmissível, assim como o retorno pelo investimento aplicado na minha graduação me impulsionaram a escrever sobre um tema mais voltado para o caráter social da profissão.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Estudos de usuários da informação: conceituação e breve histórico

Ao longo do tempo diversas definições foram propostas para os estudos de usuários da informação. Figueiredo (1994) apresenta uma definição bastante apropriada; segundo a autora, os estudos de usuários são investigações para descobrir o que as pessoas necessitam em matéria de informação, bem como para descobrir o nível de satisfação dos usuários de informação. Nesta definição estão embutidos conceitos como busca, acesso e uso da informação.

Os estudos de usuários se desencadearam dos estudos de uso da informação. A década de 1930, início dos estudos dessa área, mostrou-se marcada por uma fase excessivamente de caráter quantitativo. Figueiredo (1994) explica que os estudos de usuários surgem de uma lacuna dos estudos de uso, uma vez que desprezavam a participação ativa dos usuários, que são os atores centrais dos

sistemas de informação. Além disso, os estudos de usuários percorreram três fases e abordagens: física e tradicional; cognitiva e alternativa; e social.

Ao pensar nos usuários como atores centrais de sistemas de informação podemos pontuar Choo (2006), quando o autor explica estar na essência do exercício humano buscar, apreender, tratar e dar continuidade à informação. O autor também destaca que a investigação das necessidades desses usuários, bem como suas práticas de uso são importantes campos de análise da psicologia, comunicação, recuperação da informação, tomada de decisão e aprendizagem organizacional.

Ainda sobre isso, Choo (2006, p. 66) entende que:

[...] a informação e o *insight* nascem no coração e na mente dos indivíduos, e que a busca e o uso da informação são processos dinâmicos e socialmente desordenados que se desdobram em camadas de contingências cognitivas, emocionais e situacionais.

Considerando o exposto, Figueiredo (1994) explica que a mudança de conduta das bibliotecas e unidades de informação envolveu a participação ativa dos usuários. Desse modo, os serviços passaram a ser pensados, criados, renovados ou descontinuados conforme as necessidades demonstradas pelos usuários. A autora discute estas mudanças no período entre 1930-1980. No quadro 1, é possível observar os estudos e as necessidades relacionadas ao período.

Quadro 1 – Estudos e necessidades de informação por períodos:

Período	Tempo histórico	Estudo	Necessidade
1º Período	1948 - 1965	Identificar o uso da informação de cientistas e engenheiros	Problemas mais sentidos; Inadequações dos sistemas em uso
2º Período	1965 - 1970	Redução do estudo de comunidades; Sofisticação nas técnicas de observação indiretas; Uso de métodos sociológicos	Estudar aspectos particulares do comportamento dos usuários e análise da transmissão informal da informação entre os cientistas
3º Período	1970 - 1980	Obtenção e uso da informação	Estudar usuários de áreas como Ciências Sociais e Humanidades

Fonte: Adaptado de Figueiredo (1994).

Acerca dessas mudanças, Borges et al. (2004, p. 82) afirmam que:

[...] a entrada em cena de um ator até então secundário, o usuário, como ser individual e como ser social, acarretaram uma mudança de paradigma na área. Nessa nova Ciência da Informação constituída agora como uma ciência social, os estudos e pesquisas passam a focalizar-se nos usos e necessidades de informação.

Uma vez focado no ator central dos sistemas de informação, os estudos de usuários passaram a perceber a amplitude dos problemas e tendências informacionais existentes na relação usuário e biblioteca/unidade de informação (FIGUEIREDO, 1994). Para pensar essas questões, modelos de necessidades, busca, recuperação e uso da informação foram elaborados. Os modelos evoluíram de acordo com três paradigmas: físico, cognitivo e social, que serão abordados a seguir.

2.2 Evolução dos estudos de usuários pela ótica dos paradigmas

Assim como destacado por Capurro (2003) na CI, os estudos de usuários passaram por três paradigmas: o paradigma físico influencia a abordagem tradicional, focada no sistema; o paradigma cognitivo influencia a abordagem alternativa, focada no usuário; por fim, o paradigma e abordagem social está focado na interação do sujeito com a informação, bem como suas percepções de mundo a partir de práticas informacionais.

2.2.1 Paradigma físico e abordagem tradicional

No paradigma físico, o tratamento da informação é o mais aproximadamente técnico, devido à sua base epistemológica fisicista. Seu foco recai nos sistemas informatizados, onde a informação é vista como objeto mensurável e sua semântica não é considerada. Um dos primeiros a perceber essa tendência foi Vannevar Bush, em 1945, publicando um ensaio onde previa a criação de dispositivos que facilitariam os processos de processamento, registro, transporte e distribuição da informação. A influência do desenvolvimento tecnológico é encontrada no desenvolvimento e aperfeiçoamento de métodos que possibilitem maior eficiência na gestão dos dados e na recuperação da informação. Neste modelo, o usuário e a

criação de sentido que faz em seu processo de recuperação da informação é desprezado (ALMEIDA et al., 2007).

Neste paradigma, a abordagem tradicional tem uma sustentação empírica, como apontado por Rocha, Gandra e Rocha (2017, p. 97):

[...] sustentação empírica e pouco teórica, historicamente associada aos primeiros estudos de usuários, e que, em termos metodológicos, tomam o usuário como objeto de estudo de uma perspectiva objetificante, trans-situacional, descontextualizada e desistoricizada (objetividade positivista) e normalmente lançam mão de técnicas quantitativas de coleta de dados para mensurar seu perfil e seu comportamento.

De acordo com Gasque e Costa (2010), os estudos da abordagem tradicional eram técnicos. É consenso entre os pesquisadores da área de que os estudos de uso são o início dos estudos de usuários. Figueiredo (1994) e Choo (2006) apontam que a Conferência sobre Informação Científica da *Royal Society*² (1948) marca o início das investigações sobre o comportamento das pessoas enquanto buscam e usam a informação. Na ocasião, um estudo realizado pela biblioteca do Museu de Ciência de Londres procurou investigar o uso da informação enquanto outro estudo, patrocinado por agências governamentais, observou o comportamento dos usuários, sendo estes duzentos cientistas britânicos ligados ao governo e a entidades particulares, objetivando a elaboração de planos que atendessem à explosão de informações científicas e tecnológicas, demonstrando neles o foco nos sistemas e na quantidade do uso.

Os estudos da abordagem tradicional, extremamente quantitativos, mostraram-se insuficientes para a compreensão das necessidades dos usuários, como relatado por Kafure, a seguir.

Considerar o usuário como uma “caixa preta”, sem estudar as funcionalidades internas e emocionais de sua mente, examinar somente as manifestações externas e visíveis de sua entidade mental, focar um projeto de interfaces orientado na psicologia do analista ou do profissional da informação, deixando de lado a cognição e o design emocional do usuário, seria negar a responsabilidade social da Ciência da Informação (KAFURE, 2009, p. 64).

² Naquele encontro, cerca de 340 cientistas de quase todas as áreas do conhecimento apresentaram soluções para os dilemas de organização e acesso à informação e discutiram a criação da Ciência da Informação.

Desse modo, foi possível observar que, a partir da década de 1960, este modelo não poderia responder às lacunas e os problemas percebidos. Tal ausência foi responsável por impulsionar o paradigma cognitivo, sugerindo como protagonista os indivíduos, suas necessidades, comportamentos e práticas quando estão envolvidos com a informação. Os estudos de comportamento informacional passam a ser investigados por meio da abordagem alternativa, analisando também a transmissão da informação. Contudo, cabe ressaltar que esses estudos, na década de 1960/1970, ainda eram quantitativos.

2.2.2 Paradigma cognitivo e abordagem alternativa

Contrário ao paradigma físico, o cognitivo é centrado no modelo de conhecimento do usuário, em suas necessidades e ligação da lacuna no estado de conhecimento e a informação, como na teoria dos estados cognitivos de Belkin (1980), que sugere a busca da informação como consequência de uma necessidade de informação (CAPURRO, 2003).

A abordagem tradicional não respondia ao paradigma cognitivo. E, desse modo, acompanhando as mudanças, os estudos de uso e usuários da informação foram remodelados para compreender a complexidade das necessidades e comportamentos dos sujeitos.

Nessa nova abordagem, os aspectos cognitivos passam a ser mais relevantes e, por isso, autores como Belkin (1980), Wilson (1981), Dervin (1983), Taylor (1986), Ellis (1989) e Kuhlthau (1993) desenvolveram modelos para representar e entender os comportamentos dos indivíduos quando envolvidos com informação. No Brasil, a abordagem alternativa aparece na metade da década de 1990, com os autores Ferreira (1995), Martucci (1997), Dias e Pires (2004), Baptista e Cunha (2007) (ARAÚJO, 2017).

Na abordagem alternativa, os estudos de comportamento informacional se destacaram:

[...] os modelos ISP de Kuhlthau (1991); a abordagem do *sense-making* de Dervin (1992) e os modelos de comportamento informacional de Wilson (1997, 1999, 2000) – e toma o usuário como um sujeito, com seus estados cognitivos, afetivos e situacionais

envolvidos no contato com a informação (abordagem subjetivista), mas sem considerar profundamente o papel constitutivo do contexto em seus estudos (ROCHA, GANDRA, ROCHA, 2017, p. 97).

Wilson (2000) conceitua comportamento informacional como todo o comportamento humano em relação à informação, incluindo busca, transferência e uso ativo e/ou passivo. Mesmo a comunicação acidental da informação, sem intenção específica, como a ouvida em comerciais ou nas ruas.

Bartalo, Di Chiara e Contani (2011, p.2), por sua vez, compreendem comportamento informacional como:

[...] conjunto das atividades desencadeadas por uma necessidade de informação, ou seja, a busca, a comparação das várias informações acessadas, a avaliação, a escolha, o processamento cognitivo e a utilização da informação para suprir a necessidade primeira – incluindo a própria identificação da necessidade (BARTALO; DI CHIARA; CONTANI, 2011, p.2).

Tal conjunto de atividades é, geralmente, representado por modelos conceituais. Esses modelos, como explica Araújo (2017), compreendem os processos e os motivos entre o aparecimento da necessidade de informação, passando pela busca e criação de sentido, até o uso da informação recuperada. Os processos a que se refere o autor são seleção, exploração, coleta, diferenciação, extração e verificação da informação que o usuário necessita, enquanto as motivações possuem qualidades emocionais, cognitivas, filosóficas, ambientais. As crenças do usuário é que ditam o conceito de cada modelo.

No modelo de comportamento informacional de Wilson (2006, apud BERTI; BARTALO, 2017) existe um mundo em que o usuário está inserido e que o influencia com culturas, valores e convenções com contextos particulares que serão consideradas referências importantes nas decisões e atitudes adotadas por este usuário de acordo com seu ambiente. Quando uma carência de informação emerge, sua percepção é limitada a esses costumes significativos, que também sofrem influência na acessibilidade de recursos de informação, como a ausência ou presença de mediador e/ou tecnologias. Assim, Berti e Bartalo (2017) entendem que o modelo de Wilson separa o usuário e a informação porque o meio em que o usuário vive tem importância relevante.

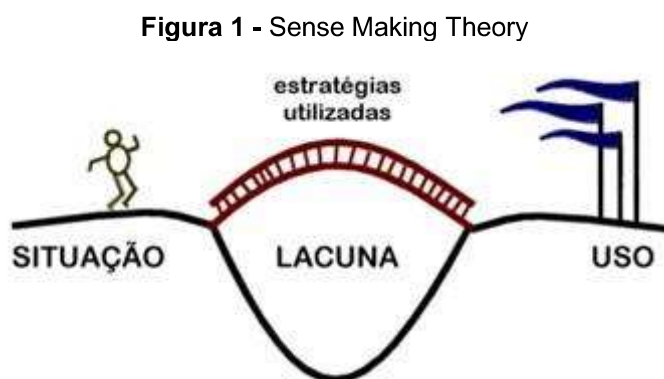
Uma vez que os modelos de comportamento informacional se concentram em entender os usuários e as suas subjetividades em relação à informação, tais modelos focam os sujeitos informacionais, o paradigma cognitivo e a abordagem alternativa avançam tanto na abrangência de novos conceitos e métodos como no alcance de grupos além dos usuários tradicionalmente investigados no paradigma físico (GASQUE; COSTA, 2010). As autoras trazem o olhar de *J. M. Brittain*, que conceituou, em 1970, os estudos de usuários como comportamento de uso, demanda e necessidades de informação. O autor criticou a imprecisão do conceito necessidade de informação, que causava confusões com as pesquisas sobre demanda de informação. A demanda se tratava de solicitações feitas ao sistema. Em tal conjuntura, que Figueiredo (1994) chama de segundo período dos estudos de usuários, iniciava-se a investigação da transmissão informal de informação, uma vez que a preocupação centrava em adequar as tecnologias às tendências do período.

O conceito de Figueiredo (1994) é de que os estudos de usuários existem para entender necessidades de informação dos usuários e para avaliar a satisfação desses anseios no atendimento em bibliotecas e centros de informação. Já Wilson (1999 apud GASQUE; COSTA, 2010), explorando de forma mais abrangente a ideia, nomeia o tema necessidades de informação como comportamento informacional e o insere no campo de estudos do comportamento humano. Baseando-se ainda em Wilson, as autoras entendem que o comportamento informacional ocorre quando, identificadas as necessidades de informação, o indivíduo envolve-se na totalidade dos atos de busca, uso e transferência da informação.

Assim como os estudos de comportamento informacional, foram desenvolvidas análises das necessidades de informação. Cruz *et al* (2011) afirmam que a falta de concordância sobre o termo “necessidade de informação” é repetida na literatura da CI (KRIKELAS, 1983; VARLEJS, 1987; BETTIOL, 1988; MIRANDA, 2007). Shelton e Dixon (2004, apud CRUZ *et al.*, 2011) relacionam dimensões onde é possível encaixar as definições apresentadas: “(i) os fatores cognitivos que fazem as NI surgirem; (ii) NI como provocadoras de desejos para busca de informações; (iii) tipos de NI que podem existir; (iv) a natureza da informação que é requerida; e (v) como uma necessidade difere de um desejo e/ou demanda” (CRUZ *et al.*, 2011, p. 209). Os autores alinham Wilson (1981), Dervin e Nilan (1986) e Nicholas (2000) na fileira dos que entendem fatores externos como corresponsáveis pela definição de necessidades de informação, exemplificando que, mesmo provocadas por fatores

internos - cognitivos, fisiológicos, psicológicos ou afetivos - podem ter origem no exterior. Contudo Brown (1991), Itoga (1992), Solomon (1997) e Le Coadic (2004) concordam na visão de que as necessidades de informação instigam os desejos de busca de informações.

Na intenção de definir o conceito de necessidades de informação, a literatura traz modelos do tema, como mostra Souza (2016) por meio das teorias: a) da existência de uma incerteza sentida quando “[...] estado atual de conhecimento possuído é menor que o necessário para lidar com alguma questão (ou problema). O processo termina quando esta percepção não mais existe” (KRIKELAS, 1983 apud SOUZA, 2016); b) do estado anômalo de conhecimento, que se configura, segundo Belkin (1980, apud SOUZA, 2016) resultado da percepção do sujeito de uma necessidade de informação causada por inexistência, incompletude, ou insegurança do estado conhecimento, que será suprido com a apropriação, por parte do indivíduo, da informação que gerará um novo conhecimento, seja criando um novo saber ou completando o preexistente, sanando essa necessidade percebida. A autora descreve o estado de conhecimento do usuário como um possível processo constante de reavaliações e mudanças de estratégias de busca e fontes de informações para definir os resultados de suas buscas, pois esse estado é continuamente alterado a fim de acomodar suas inquietações informacionais; c) a *sense-making theory*, de Brenda Dervin (1983 apud SOUZA, 2016), que defende que a existência recorrente de lacunas de informação causam a descontinuidade do conhecimento provocando a estagnação cognitiva pela falta de informação, o vazio cognitivo, obrigando o sujeito a buscar solução para suprir o que lhe falta, como mostra a figura 1.



Fonte: Duckworth, De Paula e Marques (2005).

O processo de busca da informação, que para Wilson (2000) é a atividade gerada em decorrência do reconhecimento de uma necessidade de informação, para Saracevic (2009) é o comportamento do conjunto de todos os processos e estratégias praticado pelo sujeito tentando sanar sua necessidade atual, pode percorrer três estágios percebidos por Choo (2006), a identificação da necessidade de informação; o emprego ou não de estratégias para iniciar a busca e; a utilização das informações recuperadas. Por estes motivos Pinto (2018) entende a busca como um processo próprio da humanidade e sociedade, posto que o ambiente e a vivência são responsáveis pela condução da informação até o sujeito e da forma como este dará sentido ao que recebe.

Essa atividade a que se refere Wilson (2000) e toda a interação entre o sujeito e as fontes, canais e sistemas de informação pode ser classificada como recepção passiva (como a transmitida por algum canal de comunicação durante um comercial sem que o usuário tenha intenção de receber) ou busca ativa (quando há o engajamento do sujeito no processo de busca). A busca ativa pode apresentar três formas: a busca em sistemas formais de informação; a busca em sistemas que, a despeito de sua função principal, funcionam como sistemas de informação e; a busca por pessoas que conhecem a informação (WILSON, 2006 apud PINTO, 2018).

Existe a possibilidade de a busca gerar frustração ao não sanar a lacuna de informação que o sujeito identificou, necessitando mais busca ou mudança na estratégia adotada ou, também, pode ocorrer de a necessidade ser satisfeita, porém lançar novas necessidades e novas buscas (PINTO, 2018).

Assim Kuhlthau (1993, apud PINTO, 2018) entende que o processo de busca se dá pela intenção de o sujeito criar sentido para uma informação que necessitou e, com isso, obter mais conhecimento.

A autora analisa no quadro 2 as seis etapas existentes nos padrões de busca (1 - iniciação; 2 - seleção; 3 - exploração; 4 - formulação; 5 – coleta e; 6 - apresentação) por meio dos prismas afetivo (de sentimentos), cognitivo (de pensamentos) e físico (de ações) entendendo que cada etapa mostra a melhor tarefa a ser usada na busca.

Quadro 2: Processo de busca da informação:

Etapas da busca da informação	Afetivo	Cognitivo	Físico	Tarefas
1- Iniciação	Incerteza	Pensamentos vagos	Busca Básica	Reconhecer
2- Seleção	Otimismo	Pensamentos vagos		Identificar
3- Exploração	Confusão	Pensamentos vagos	Busca exaustiva	Investigar
4- Formulação	Clareza	Formação de foco		Formular
5- Coleta	Confiança	Evolução do interesse	Busca pertinente	Coletar
6- Apresentação	Satisfação ou decepção	Evolução do interesse		Completar

Fonte: Pinto (2018).

Fundamentado em Kuhlthau (1993), Pinto (2018) explica que no processo de *iniciação* ocorre a percepção de uma lacuna de entendimento sobre algum tema, o que motiva incerteza, inquietude, dúvida. Com os pensamentos do sujeito vagos e incertos, esse período pode causar aflição. Já no processo de *seleção*, a capacidade de escolha, tanto do tópico a ser investigado quanto da abordagem usada para tal, transformam em otimismo os sentimentos de incerteza, inquietude, dúvida. O trabalho de concentrar o problema para a formação do ponto de vista individual, no estágio da *exploração*, normalmente ocasiona aumento das sensações de insegurança percebidas no primeiro estágio. Na *formulação* a confiança aumenta ao passo que a inquietude diminui. Este é o momento em que as informações encontradas no processo de exploração são concentradas em um único foco. A fase de *coleta* ocorre quando, com o problema focalizado, o sujeito se dedica a recuperar informações pertinentes às suas necessidades usando os sistemas de informação. Na *apresentação*, por sua vez, o sujeito com a busca da informação finalizada, adquire conhecimentos complementares aos que já possuía

anteriormente, podendo se sentir satisfeito em sua necessidade ou frustrado com a insuficiência das fontes de informação consultadas.

Por sua vez, pode-se inferir com base em Wilson (2000), que o acesso à informação se constitui pelo comportamento de interação do usuário com os sistemas, canais e fontes de informação durante a busca. Essas interações acontecem em nível intelectual, quando são consideradas as estratégias usadas nas pesquisas feitas pelo usuário, por exemplo, assuntos, descritores, operadores booleanos; e em nível humano, visando às ações concatenadas de ligar o computador, usar o mouse, clicar e abrir navegadores, clicar em links.

Pinto (2018) também se fundamenta em Capurro e Hjørland (2007) para apontar a necessidade de distinguir o acesso à informação da recuperação da informação, pois para o autor:

[...] um sistema de recuperação da informação não informa aos indivíduos sobre o assunto da pesquisa. Os sistemas de recuperação da informação informam meramente sobre a existência e localização dos registros existentes relacionados à solicitação. Portanto, a recuperação da informação significa, na verdade, a recuperação de documentos e não recuperação de fatos (PINTO, 2018, p. 47).

Sanada a necessidade e efetuada a busca e o acesso, o sujeito parte para o uso da informação recuperada, prática que o levará ao próximo estado de conhecimento, que será responsável por suprir a lacuna que até então o incomodava e/ou suscitar outras necessidades. Assim, necessidade e uso da informação, ligados pela busca e recuperação, se provocam, pois da necessidade surge a busca, que entrega seus resultados ao emprego do uso, que em sua prática gera mais necessidade, também seus conceitos se envolvem. Pois, para Pinto (2018) o uso da informação objetiva inserir conhecimentos novos ou alteradores de sentido no vazio cognitivo ou na lacuna informacional e Choo (2006) responsabiliza o uso da informação obtida pela alteração no estado de conhecimento. O autor entende o uso da informação como medido pela possibilidade de criar vínculos com os processos e contextos já existentes e pela satisfação do indivíduo em suas estratégias de seleção.

Pinto (2018) utiliza ainda outros teóricos ao discorrer sobre o uso da informação, como a teoria de Wilson de que o uso se manifesta em ações conjuntas materiais e mentais, como o exemplo da análise de proximidade contextual das

informações anteriores e as novas e a importância que possuem seus conceitos; a afirmação de Le Coadic sobre a investigação dos hábitos informacionais dos usuários, até então conceituados como receptores passivos da informação, terem propiciado o início das análises de uso da informação; a complexidade do tema uso, no tripé dos estudos de comportamento informacional necessidade, busca e uso, de González-Teruel, onde, a despeito de saber sobre demanda e recuperação dos usuários, não é possível conhecer os destinos da informação sem estudar o comportamento de uso que terá.

Após longo período de estudo no âmbito do paradigma cognitivo, Capurro (2003) passa a criticar esse paradigma e abordagem justamente por separar informação de usuário por meio de representação metafórica ou amostral (*pars pro toto*) e por generalizá-los como cognoscentes (sujeitos que obtêm ou são capacidade para obter conhecimento), desprezando condições sociais e materiais humanas. Para o autor a CI objetiva investigar as relações das formas de transmissão do conhecimento com toda a sociedade, contextualizando socialmente o paradigma cognitivo considerando a heterogenia social e intelectual.

2.2.3 Paradigma e abordagem social

Modelo vigente, e também o mais abrangente, desde 1970 o *paradigma social* tem direcionado os estudos de usuários por teorias e técnicas diversas que percebem a heterogenia social e sua influência no comportamento da informação e nas práticas informacionais dos usuários (CAPURRO, 2003). O sujeito e toda sua carga cognitiva é o centro do estudo da abordagem social, seu contexto sociocultural e a influência que este contexto provoca nas decisões desse sujeito (ARAÚJO, 2007). Esta abordagem, na visão de Araújo (2007), no que acompanham Terto e Sirihal Duarte (2014), influencia intimamente o paradigma social, que entende a individualidade de cada sujeito e o quanto um conhecimento individual pode servir para a sociedade e o contrário.

Capurro fundamenta sua teoria nos estudos de domínios de conhecimento (*Domain Analysis*), de Hjørland/Albrechtsen, concordando que grupos sociais com discurso comum (*discourse communities*) têm maior aproveitamento do que lhe será passado, atribuindo melhor cabimento na transmissão informativa de um

conhecimento, fadando o contrário a possível perda do sentido didático dos dados (CAPURRO, 2003).

Tendo como exemplo teorias e práticas sobre nascimento, conferências entre indivíduos leigos, um grupo de médicos obstetras, outro grupo de parteiras tradicionais, outro grupo de grávidas de primeiro filho e outro grupo de mães, respeitando as diretrizes das comunidades discursivas, gerará conhecimentos distintos.

Compreendendo que a abordagem social possui ligação intrínseca com a vida cotidiana, tendo seus contextos negligenciados pelas pesquisas anteriores, neste cenário acende o conceito de práticas informacionais, que sofrem influência do paradigma socioconstrucionista, “no qual os processos de busca, uso e compartilhamento da informação são entendidos como práticas sociais instituídas em um domínio ou comunidade” (ROCHA; SIRIHAL DUARTE; DE PAULA, 2017, p. 40).

Visto que é um paradigma com abordagem emergente, Gandra (2013) atenta para a escassez de publicações sobre os estudos de usuário sob o prisma da abordagem social para que estudos mais robustos possam ser formulados. Araújo (2010), por sua vez, ressalta também a falta de nitidez no paradigma social, não obstante direciona para estudos guiados pela abordagem social. O autor se ampara nas críticas que Rendón Rojas faz sobre a abordagem cognitiva onde supõe que a informação preenche o vazio de um sujeito; Frohmann, que acusa a abordagem cognitiva de considerar os sujeitos como isolados e ignorar as variáveis econômica, política, social e cultural e nas teorias da *Epistemologia Social* de Shera, que como os processos intelectuais são inseridos e interagem na sociedade; do *Discourse Communities* de Hjørland/Albrechtsen onde os critérios de julgamento são constituídos coletivamente.

As críticas aos modelos já mostrados têm início com a década de 1990, com os estudos das práticas informacionais dos usuários, buscando sanar as omissões percebidas em referência ao sujeito. Cunha e Cavalcanti (2008) entendem que prática informacional para o campo da CI se configura em um exercício e/ou uso de um ou mais registros de conhecimentos importantes, subjetivamente, para uma decisão a ser tomada. Desta forma criando condições essenciais para a sociedade e suas atividades comuns.

Entre as teorias propostas, Terto e Sirihal Duarte (2014) aludindo a González Teruel, afirmam que os estudos orientados para o que concerne ao usuário, seu ambiente cognitivo, valores, crenças, caracterizam a abordagem social. No que corrobora com Araújo (2007) quando diz ser um olhar para a compreensão do sujeito, seus contextos socioculturais, no que importa e é essencial para compreensão das ações e decisões informacionais do sujeito.

Este novo direcionamento visa inserir grupos sociais que não eram contemplados ou investigados nos estudos de usuários até então, mesmo com a abordagem cognitiva, e Araújo (2003) já apontava este favorecimento histórico quando afirmou que os inícios dos estudos visavam apenas engenheiros, cientistas e bibliotecários. A abordagem social posiciona o contexto sócio-histórico dos sujeitos em evidência importante nas análises da informação pela perspectiva dos estudos de usuários, o que este indivíduo entende como importante sob a ótica própria da construção de sentido.

Cunha e Cavalcanti (2008) entendem que prática informacional para o campo da CI, se configura em um exercício e/ou uso de um ou mais registros de conhecimentos importantes, subjetivamente, para uma decisão a ser tomada. Desta forma criando condições essenciais para a sociedade e suas atividades comuns.

Além dos citados até aqui, outros autores em diversas áreas das ciências possuem colaborações analíticas relevantes para a compreensão do olhar sociológico e das práticas dos estudos de usuários. O estudo proveniente da Fenomenologia, de Edmund Husserl, que objetiva descrever as experiências dos sujeitos assim como são vivenciadas e com os sentidos que lhes foram atribuídos pelos próprios sujeitos, a Fenomenologia Social ou Sociológica de Alfred Schutz parte da experiência cotidiana para propor a Abordagem Compreensiva, que “procura aproximar-se da natureza do mundo social através da experiência subjetiva do sujeito – para entender os fenômenos sociais a partir de conceitos como o de significado e intencionalidade” (TERTO; SIRIHAL DUARTE, 2014).

Rocha, Sirihal Duarte e De Paula (2017) descrevem Reijo Savolainen como um dos protagonistas na onda criticista que iniciou a década de 1990 e quebrou o paradigma cognitivo, com sua investigação da busca de informações fora do trabalho (*non-work information seeking*), inicialmente, pela necessidade de levantar práticas psicológicas e socioculturais que inspiram preferências de usos e de fontes de informação na vida cotidiana e em seguida conectar esta busca à que é feita

relacionada ao trabalho (*job-related information seeking*) por considerá-las complementares.

Os autores continuam com a investigação concatenada de Pamela McKenzie sobre fontes de informação, necessidades de informação e práticas informacionais de mulheres grávidas de gêmeos e relacionaram ao conceito savolaineniano de vida cotidiana. Explorou modos ativos e passivos de busca e recuperação das informações, fontes de informação (obstetras, mães de gêmeos) em suas funções, a classificação dada a essas fontes por estas respondentes e como o tempo de gravidez eram relacionados à busca de informação. Os autores prosseguem sua leitura com a defesa de McKenzie sobre a casualidade e a busca ativa de informação serem equivalentes, e que analisar o discurso das respondentes por uma ótica construtivista favorece o entendimento da construção social da informação. Dessa forma “foram identificadas explicações complexas dos motivos pelos quais uma determinada fonte de informação apresentava maior ou menor autoridade que outra” (ROCHA; SIRIHAL DUARTE; DE PAULA, 2017, p. 46).

Esta perspectiva tem sido estudada por Araújo (1995; 2007; 2016; 2017; 2018; 2019) no campo da CI nas últimas três décadas. O autor, buscando ancoragem para seus estudos, investigou as teorias de Michel Lallement sobre a sistematização das escolas de práticas informacionais. Nesse prisma, existem três posturas a serem consideradas: Estudos do ordenamento social, de como se integra e funciona o sistema social (culturalismo, funcionalismo e estruturalismo); estudos das contradições do social, que também estuda o macro da vida humana, porém enfatiza os conflitos a que a vida está sujeita em seu caminho e sua estruturação (marxismo, pós-marxismo e historicidade); estudos da construção social, em que o indivíduo é o protagonista e início preferencial de toda a teoria (pragmatismo, interacionismo e etnometodologia).

Philippe Corcuff é citado pela apresentação das oposições existentes nas ciências humanas e sociais entre sujeito e objeto, entre coletivo e indivíduo, e a identificação de dois movimentos que exploraram a superação dessas dicotomias: grupo dos que iniciaram os estudos nas interações dos sujeitos para alcançar as estruturas sociais (Berger e Luckmann, Schutz, Cicourel, Garfinkel, Callon, Latour e Elster) e; grupo dos que começaram suas investigações nas estruturas sociais em direção às interações dos indivíduos (Elias, Giddens, Bourdieu) (ARAÚJO, 2017, p. 220).

No tocante aos grupos que começaram suas investigações nas estruturas sociais em direção às interações dos indivíduos, Araújo (2017) aponta Pierre Bourdieu. No âmbito desta pesquisa, isso se traduz em entender as práticas das mulheres a partir da interação com a informação. O quadro 3 apresenta os três modos como o sociólogo francês Bourdieu percebeu a construção dos “conhecimentos científicos sobre a realidade humana” (ARAÚJO, 2017, p. 219).

Quadro 3 - conhecimentos científicos sobre a realidade humana e social

Estudo	Representação filosófica	Olhar [perspectiva]
Fenomenológico	Interacionismo simbólico e Etnometodologia	Analisa as maneiras como o mundo é visto, pelos sujeitos, como algo natural, óbvio, evidente – e que ficaria, portanto, num nível subjetivo.
Objetivista	Marxismo e Estruturalismo	Analisa as relações objetivas que estruturam as práticas, de forma independente das consciências individuais. Tal abordagem negligenciaria o ponto de vista subjetivo dos agentes.
Praxiológica	Práxis	Tem como objeto de estudo o sistema de relações objetivas e também o processo de interiorização desse sistema sob a forma de disposições para a ação.

Fonte: Elaborado com base Araújo (2017).

A abordagem praxiológica de Bourdieu, segundo Araújo (2017), se configurou na tentativa de ultrapassar os problemas de super ou subestimar a subjetividade encontrados nos dois outros modelos. Para tanto, o pesquisador é posto em um campo em que estuda tanto a sistematização objetiva das relações quanto os processos de aprendizagem e prática do que significou.

Encontra-se aqui, por meio da expressão “praxiológica”, a ideia de “práxis”, isto é, o movimento mesmo por meio do qual os sujeitos agem no mundo e, como causa e também consequência dessa ação, constroem esse mesmo mundo. Essa é a ideia básica que fundamenta o conceito de “práticas” presente na expressão “práticas informacionais” (ARAÚJO, 2017, p. 220).

No entendimento de Araújo (2017) tanto o subjetivismo - que presume a crença de um sujeito consciente e autônomo como subsídio suficiente para entender

os resultados das ações humanas - quanto o objetivismo - que percebe os indivíduos como peças mecânicas inconscientes movidas por regras sociais e sentidos externos propostos - devem ser analisados de forma crítica.

Com esse propósito Bourdieu desenvolveu o habitus, que estabeleceu os conceitos de sociação - que estabelece que indivíduos expostos a condições e condicionamentos sociais similares carregam o mesmo juízo de ação (habitus regional, habitus burguês) - e individuação - porque cada pessoa, conforme sua localização e intelectualidade distintas, dá significado ao que aprende de forma singular (conhecimento tácito) (ARAÚJO, 2017, p. 220).

Assim as práticas informacionais podem ser entendidas como produto da interação ininterrupta ao qual a sociedade e o sujeito se submetem, criando valores coletivos do que é informação e sentido individual de conformidade ou repulsa da relação imposta com a informação.

Temos, então, que os estudos de usos e usuários da informação, em seus três períodos, vêm se aprimorando e expandindo sua zona de atuação, sempre com o propósito de dar suporte aos usuários. Seja com foco no sistema ou no próprio usuário, no indivíduo ou no coletivo, o estudo intenta auxiliar nas tomadas de decisões, registrar seu resultado e acompanhar o processo evolutivo dessas decisões para reiniciar o processo de análise com o novo conhecimento gerado para novas necessidades.

A necessidade de informação para as pessoas inicia com a vida, desde quando a existência do feto é reconhecida no ventre, e antes, desde quando uma nova pessoa é desejada. Se há desejo de uma vida, é preciso saber como produzir. Se há uma vida, é preciso saber se há o desejo de continuá-la, se há a possibilidade de continuá-la, como preparar a chegada dela. A vida humana sempre inicia com uma informação emocionante: “Estou grávida!”, seguida da pergunta: “E agora?”.

2.3 Vias de nascimento e tipos de parto

Decorrente dessa necessidade de informação estão os comportamentos de busca e uso da informação e as práticas que a usuária grávida fará com a informação que obteve, além da forma como a disseminação dessa informação foi conduzida.

As informações sobre as vias de nascimento existentes e qual delas melhor se encaixa em cada caso são parte importante para a decisão do nascimento. Deve a mulher ser a protagonista desta decisão, respeitando a situação clínica, o ônus e o bônus agregados de cada opção para si e para o bebê, cabendo ao prestador de serviço de parto apenas orientar sem influenciar a grávida.

Oliveira *et. al* (2002) ressalta a importância da mulher estar sempre informada sobre as evidências científicas que podem afetar a decisão da via de parto, assegurando a autonomia dela no momento do parto. As autoras entendem que o acesso e a disponibilidade das informações impactam na expectativa do tipo de parto dessas mulheres.

As duas vias de parto e nascimento são o parto normal ou vaginal (que é quando o bebê nasce pela vagina e sem nenhuma intervenção cirúrgica) e a cirurgia cesariana. Para Guimarães (2019) ambos podem ser reconhecidos como parto humanizado, bastando respeitar o protagonismo da grávida em suas decisões e vontades sobre todos os procedimentos do processo de parto, dando especial importância ao plano de parto.

Os tipos de parto podem variar de acordo com a decisão, como local de parto, posição, humanizado ou com intervenção médica, como veremos no quadro 4.

Quadro 4 – Vias e tipos de parto

Via	Parto vaginal
Tipo	Definição
Parto natural	Este tipo de parto é caracterizado pela ausência de intervenções médicas, como anestesia, analgésico ou aplicação de hormônio para estimular as contrações. Podem ser usadas técnicas naturais para o alívio da dor, como massagens, água quente ou diferentes posições. Uma vez que não há administração de fármacos, a recuperação costuma ser mais fácil (REVISTACRESCER, 2019a).
Parto de lótus	O parto de lótus está mais relacionado ao período pós-parto, já que, nesse caso, depois do nascimento, o cordão umbilical não é cortado e continua conectando o bebê à placenta até desprender-se naturalmente do umbigo, o que costuma levar em torno de uma semana. É comprovado que esperar o cordão parar de pulsar, o que acontece cerca de três minutos após o parto, diminui o risco de anemia para o bebê. Os benefícios em um período maior do que esse não foram confirmados. São necessários alguns cuidados para manter a placenta conservada durante o período (REVISTACRESCER, 2019a).
Parto domiciliar	Como o nome já diz, é quando o parto acontece em casa, seja de forma planejada previamente, com a presença de uma equipe médica especializada, ou quando a mãe não consegue sair antes que o bebê nasça. Com o acompanhamento adequado, pode trazer benefícios, já que a mãe estará em um ambiente seguro e poderá ter maior contato com o bebê após o parto (REVISTACRESCER, 2019a).
Parto desassistido	Neste caso, o parto acontece sem nenhum tipo de supervisão médica ou de qualquer profissional de saúde. Pode ser quando a criança nasce em um momento inesperado ou por decisão da mãe, o que não é recomendado por especialistas, já

	que, caso haja alguma complicação, a mãe estará totalmente desamparada (REVISTACRESCER, 2019a).
Parto na água	Aqui, o parto acontece dentro de uma piscina ou banheira com água morna. Pode ser realizado em hospitais, casas de parto ou em casa, com uma equipe especializada. A temperatura ajuda nas dores e, além disso, o ambiente fica semelhante ao útero, o que torna o momento do nascimento mais tranquilo e fluído (REVISTACRESCER, 2019a).
Parto de cócoras	O nome se refere à posição na qual o parto acontece. A mãe fica agachada, permitindo uma melhor abertura do períneo e facilitando a saída do bebê. O trabalho de parto é mais rápido e o bebê sai com maior facilidade. A posição pode cansar a mãe. Por isso, é possível contar com o auxílio de banqueta ou suporte físico do parceiro(a) ou da doula (REVISTACRESCER, 2019a).
Parto Leboyer	Na França, o obstetra Frédérick Leboyer focou-se no recém-nascido e defendeu uma forma menos violenta de nascer. Foi o primeiro a considerar a importância do vínculo mãe-recém-nascido no momento do nascimento. Pouca luz, silêncio, massagem nas costas do bebê, esperar o cordão parar de pulsar para o bebê fazer a transição respiratória de forma mais suave, banho do bebê perto da mãe, amamentação precoce. No entanto seu foco era o bebê, não a mulher. Geralmente estava deitada de costas, pernas em estribos e o uso da episiotomia era rotina (DESPERTARDOPARTO, 2017).
Via	Parto intervencionista
Tipo	Definição
Cesariana	Cirurgia em que é feito um corte no abdômen da mulher para a retirada do bebê. Pode ser planejada ou de emergência. A cesárea planejada ou eletiva ocorre ou quando a mulher escolhe a cirurgia por vontade própria ou quando existe alguma condição de saúde, como hipertensão e gravidez de múltiplos, que aumenta significativamente o risco do parto normal. Já a cesárea de emergência ocorre quando existe algum imprevisto durante o parto normal que coloca em risco a saúde do bebê e da mãe. Quando realizada para preservar a saúde de mãe e bebê, as cesáreas salvam vidas. No caso das cesáreas planejadas, a principal vantagem é saber exatamente quando o bebê vai nascer. A recuperação da mãe é mais lenta do que no parto normal e há maior risco de infecção e hemorragia. Além, disso, a cicatriz no abdômen pode provocar dor e, caso a mulher tenha mais de uma cesárea, há aumento de risco de ruptura uterina. Além disso, bebês que nascem via cesárea têm chance maior de apresentar alergias e problemas respiratórios. (REVISTACRESCER, 2019b)

Fonte: Adaptado de: Revista Crescer (2019a³, 2019b⁴) e Despertar do parto⁵ (2019).

Há ainda, baseado em Enkin *et al.* (2005), o parto vaginal instrumental, tipo recorrido como alternativa à cesariana, quando há desejo ou necessidade de aceleração do nascimento por motivos como a condição de saúde do feto e da mãe, a demora no trabalho de parto ou a habilidade e experiência do profissional.

Denominado por Moldenhauer (2020) também como parto normal operatório, pode ser realizado por uso de fórceps ou vácuo-extrator:

³ Fonte: Revista Crescer (2019). Disponível em: <<https://revistacrescer.globo.com/Gravidez/Parto/noticia/2019/08/tipos-de-parto-normal.html>>. Acesso em: 19 ago 2019.

⁴ Fonte: <https://revistacrescer.globo.com/Gravidez/Parto/noticia/2019/07/tipos-de-parto-conheca-9-e-escolha-o-melhor-para-voce.html>

⁵ Fonte: <https://www.despertardoparto.com.br/tipos-de-parto-que-classificacao-eh-essa.html>

Um extrator a vácuo consiste em uma pequena ventosa feita de um material semelhante à borracha conectada a uma fonte de vácuo. Ele é inserido na vagina e usa sucção para segurar a cabeça do bebê. [...] Raramente, um extrator a vácuo fere o couro cabeludo do bebê ou causa sangramento nos olhos do bebê (hemorragia da retina). A extração a vácuo também aumenta o risco de distócia do ombro (especialmente se o bebê for grande) e de icterícia. Fórceps são instrumentos cirúrgicos metálicos com bordas arredondadas que se encaixam ao redor da cabeça do feto. Raramente, usar um fórceps machuca a cabeça do bebê ou rasga a área entre a abertura da vagina e do ânus da mulher (chamada de períneo) (MOLDENHAUER, 2020).

A partir dos conceitos acima descritos sobre necessidades de informação e sobre vias e tipos de parto e nascimento, pode-se inferir que há relação entre a tomada de decisão e a realidade individual e social às quais o indivíduo encontra-se inserido.

Entendendo o valor essencialmente social da Biblioteconomia e da CI, reiterado por autores como Shera (1977, apud LINDEMANN, 2014), que aponta como objetivo o aumento da utilidade social dos registros, independente do usuário e sua carga cognitiva ou indagação, atendendo indiscriminadamente todos os setores da sociedade não apenas mecanicamente na busca de material, mas gerenciando o conhecimento, esta pesquisa encontra seu principal argumento na busca de respostas a um questionamento da sociedade para a sociedade. Conhecer o que o coletivo pensa a respeito de um tema que influencia o influencia, entender como cada indivíduo responde ao problema de forma particular, e devolver ao povo a análise de suas inquietações de forma organizada.

Antunes (2016), em sua pesquisa orientada para o Centro-Oeste brasileiro, porém com contrapontos em cidades sudestinas, analisa a mobilização de entidades que investigam a negligência de informações sobre possíveis benefícios do parto por via vaginal e desvantagens da cirurgia cesariana. A autora questiona a ligação da missão bibliotecária de disseminação de informação com a mulher necessitada de informação segura, também direciona à biblioteca pública a responsabilidade de informar as usuárias necessitadas. Em outro trabalho, Barbosa (2017) apresentou investigação sobre práticas informacionais de apenas grávidas de um centro de reclusão de Minas Gerais e suas estratégias de busca, acesso, apropriação e compartilhamento de informação.

Dessa maneira pode se verificar, no decorrer dos estudos de usos e usuários da informação, uma crescente ampliação nos prismas, na intenção de contemplar sempre uma maior gama de indivíduos. Ao mesmo passo é visível a preocupação com as propriedades informacionais que grupos pequenos oferecem na construção do todo e as necessidades que esses grupos desenvolvem e que o todo pode suprir.

No primeiro período surge a preocupação com qual necessidades permeiam os usuários, qual o grau de satisfação desses usuários quanto à informação recuperada, de que forma a informação será tratada para facilitar seu manuseio, quais as dificuldades sentidas por quem necessita e como obter um sistema adequado para o uso da informação. Mesmo nesse período a informação sendo pensada para uma parte específica da população e essa população sendo mensurada como objeto sem particularidade ou animação, esses estudos abrem a porta para que o usuário seja visto como aquele que necessita e usa a informação, gerando uma mudança no modelo de estudo para o segundo período.

Partindo desse ponto passou-se a se incomodar com a forma como o usuário interagia com a informação e os motivos que o faziam procurar a informação. A importância do comportamento do usuário e das suas necessidades em relação à informação é influenciadora de modelos de estudos e aprofundamento da matéria na Biblioteconomia e na Ciência da Informação, porém há estudos relevantes em outras áreas do conhecimento.

Apesar disso, a participação do usuário ainda não ocupava seu lugar de destaque como criador e gestor da informação, buscando, usando, modificando, adequando e propagando a informação conforme sua necessidade e desejo, desencadeando o período que prossegue vigente e acumula visões do sujeito como agente que causa e sofre influência das decisões encontradas pelo uso e pelas práticas que a informação recuperada exerce na sociedade, na cultura e no ambiente em que este vive. Tal trajetória pode ser ilustrada observando as práticas informacionais de mulheres que tiveram filho em um determinado período e como essas práticas influenciaram sua decisão de qual forma desejariam que procedesse o momento do nascimento.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ao se desenvolver um estudo ou apresentar uma nova perspectiva acadêmica, adota-se um percurso técnico-metodológico, ao qual serve como orientação para se realizar uma pesquisa ou sistematizar um conhecimento já existente, analisando os dados coletados e alcançando uma conclusão sobre determinado assunto ou realidade, no qual não existe uma única regra fixa para se realizar à pesquisa.

Desta forma, as etapas percorridas de uma metodologia científica são entendidas por Prodanov e Freitas (2013) como um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos, adotados para atingir determinado objetivo. Em outras palavras, tem-se procedimentos metodológicos como os processos utilizados para se obter os resultados desejados para uma determinada pesquisa científica.

Direcionando a presente pesquisa, por almejar retratar os fatos da forma como ocorreram, sem interferir em seus resultados, é classificada por Prodanov e Freitas (2013) como descritiva. Nesse tipo de investigação, o pesquisador observa, registra, analisa, classifica e interpreta os fenômenos sem manipulá-los. Também a forma de estudo de grupo, como o de mulheres grávidas do DF e suas decisões para o parto juntamente com nível de escolaridade e região de domicílio habilitam esta pesquisa como descritiva (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Com o intuito de conhecer as experiências e pontos de vistas das grávidas do DF e suas criações de sentido em relação aos episódios que pautaram suas decisões, com a maior liberdade de resposta possível, a coleta de dados foi na forma de levantamento, pois o contato direto que este tipo de abordagem possui permite a análise comportamental dessas mulheres (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Seguindo a ideia do paradigma social, que entende a subjetividade do sujeito como ponto mais importante da construção semântica dos usos práticos da informação, bem como por seu caráter sociocultural, e também a construção de sentido causada pelo movimento do sujeito com o ambiente e como um molda e é moldado pelo outro, como a interpretam Prodanov e Freitas (2013), foi decidida a aplicação da metodologia qualitativa nesta pesquisa.

Quando uma pesquisa utiliza de metodologia qualitativa, Creswell (2007) indica que sejam utilizados subsídios aos procedimentos qualitativos, como perguntas abertas, análises de texto, técnicas de coleta e de análise de dados

qualitativas. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são os propósitos básicos no processo dessa pesquisa, não requerendo, obrigatoriamente, o uso de métodos e técnicas estatísticas, porém não descartando sua potencial utilidade. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave.

A coleta de dados seguiu o método de entrevista semiestruturada, seguindo um roteiro prévio, porém com respostas abertas a fim de proporcionar liberdade de expressão para as entrevistadas (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010).

Para que a pesquisa tenha direcionamento, devemos eleger o público que será foco do estudo, chamado de população ou de universo. Trata-se de grupo de pessoas com as características comuns relacionadas ao tema proposto. A população pode ser infinita, como a população feminina do DF, ou finita, como a população de mulheres que tenham dado à luz um ou mais filhos nascidos dentro dos limites do DF, no ano de 2019, por qualquer via de nascimento (SILVA, 2019). Dessa população foi retirada uma amostra de sete participantes, escolhida de forma deliberada por meio de respostas a anúncios postados em uma rede social. Cada participante dessa amostra reside em uma das sete regiões de saúde da Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal (SESDF), que foram definidas pela territorialização do DF, dispostas no quadro 5. Estas participantes estarão identificadas como Mãe 1 à Mãe 7, de acordo com a região de domicílio.

Quadro 5 – Cidades do DF distribuídas por regiões de saúde

Região de saúde	Cidades do DF
Região de Saúde Central (RSCE)	Asa Norte, Lago Norte, Varjão, Cruzeiro, Sudoeste, Octogonal, Asa Sul.
Região de Saúde Centro-Sul (RSCS)	Núcleo Bandeirante, Riacho Fundo I e II, Park Way, Candangolândia, Guarã, Setor de Indústria e Abastecimento (SIA), Setor Complementar de Indústria e Abastecimento (SCIA) e Estrutural.
Região de Saúde Norte (RSNO)	Planaltina, Sobradinho, Sobradinho II e Fercal.
Região de Saúde Sul (RSSU)	Gama e Santa Maria.
Região de Saúde Leste (RSLE)	Lago Sul, Paranoá, Itapoã, Jardim Botânico e São Sebastião.

Região de Saúde Oeste (RSOE)	Ceilândia e Brazlândia.
Região de Saúde Sudoeste (RSSO)	Taguatinga, Vicente Pires, Águas Claras, Recanto das Emas e Samambaia.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Dadas as devidas direções de atuação, é mister preocupar-se com os instrumentos necessários para que a coleta dos dados seja a mais fiel e livre de ruídos possível. Os recursos devem ser utilizados na maior quantidade quanto possível, segundo Creswell (2010). Para que a entrevista seja plenamente aproveitada, o autor indica um roteiro inicial bem estruturado, gravador de áudio e vídeo em bom funcionamento, caderno e caneta para anotações. Estes materiais serão instrumentos adequados para a coleta de dados na forma de entrevista aberta em que se apoia esta pesquisa qualitativa. Para esta pesquisa, foram utilizados relatório de entrevista e gravação de áudio.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta seção apresenta os resultados provenientes dos dados da pesquisa realizada. Por se tratar de dados qualitativos extraídos de transcrição de entrevista semiaberta, a análise foi efetuada usando o método de codificação temática. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas no período de três de dezembro de 2019 (03/12/2019) a nove de dezembro de 2019 (09/12/2019).

4.1 Descrição dos dados

No primeiro passo os dados de entrevistas das sete mães representantes das sete regiões de saúde do Distrito Federal foram transcritos. Foram feitas 12 perguntas, classificadas em grupos relacionados à informação e tomada de decisão: três questões sobre perfil; duas perguntas introdutórias ao tema; seis questões divididas em necessidades, busca, acesso e uso da informação e; uma pergunta de encerramento sobre o momento do trabalho de parto. O tempo mínimo de entrevista foi de nove minutos e quarenta e três segundos e o máximo foi de vinte e cinco minutos. O quadro 6, a seguir, exemplifica o processo.

Quadro 6 – Primeiro passo: descrição dos dados.

Respondente	Duração da entrevista	Classe	Transcrição
Mãe 5	24m46	Acesso Questão 8	Não tive dificuldade de encontrar e acessar as informações. Se posso dizer que houve alguma dificuldade, eu diria nos profissionais, porque eu esperava um pouco mais do meu obstetra em relação a conversar comigo sobre a gestação, eram consultas relativamente rápidas, então se for para dizer que tive alguma dificuldade foi em relação a informação prestada pelo profissional que eu contratei para me auxiliar no parto. Mas fora isso, em relação a livro, internet, televisão, eu não tive dificuldade nenhuma.

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.2 Descrição da amostra

No passo 2 o contato entre pesquisador e respondente durante o processo de entrevista gerou a identificação das participantes. As questões de perfil, como exibe o quadro 7, são sobre localização geográfica, escolaridade, ocupação, conhecimento prévio sobre vias de parto e nascimento e planejamento da gravidez.

Quadro 7 –Segundo passo: descrição da amostra

Amostra	Localização geográfica	Descrição
Mãe 1	Região de saúde central (Asa Sul)	Moradora da Asa Sul, é graduada em Contabilidade e exerce a profissão. Antes de engravidar tinha conhecimento básico sobre vias de parto e planejava a gestação para o final de 2020.
Mãe 2	Região de saúde centro-sul (Guará I)	Moradora do Guará I, é pós-graduada em Direito e atua como advogada. Tinha conhecimento anterior por meio de sua mãe e tem dois filhos de parto normal. Planejou a gravidez de 2019 de forma a ter parto domiciliar.

Mãe 3	Região de saúde norte (Sobradinho)	Moradora de Sobradinho, é estudante universitária. Aprendeu que existem parto normal e cesárea por meio da educação fundamental e básica e por relatos de mães ao longo da vida. Não planejou a gravidez.
Mãe 4	Região de saúde sul (Gama)	Moradora do Gama, é graduada em Psicologia e trabalha na área. Seu conhecimento prévio era ínfimo e procurou conhecer o parto natural ao planejar a gravidez.
Mãe 5	Região de saúde leste (Jardim Botânico)	Moradora do Jardim Botânico, é graduada em Relações Internacionais e servidora pública federal. Antes da gravidez conhecia a cirurgia cesariana e o parto normal, além disso, planejou detalhadamente todos os processos da gravidez.
Mãe 6	Região de saúde oeste (Ceilândia)	Moradora de Ceilândia, graduada em gestão pública e servidora pública. Tinha conhecimento superficial sobre parto, o que mudou após uma cesárea em 2006. A gravidez inesperada a surpreendeu.
Mãe 7	Região de saúde sudoeste (Recanto das Emas)	Moradora do Recanto das Emas, graduada em Pedagogia e leciona no ensino fundamental I. Tinha conhecimento informal e oral sobre as vias de parto e cumpriu todo o planejamento da gravidez como desejado.

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.3 Descrição e interpretação dos dados

O último passo da análise descreve as principais classes percorridas pelas participantes e as interpreta à luz da literatura revisada. Essa pesquisa agrupa as classes em duas categorias sobre a relação da informação com a tomada de decisão: 1. Práticas informacionais relacionadas ao parto e nascimento (necessidade, busca, acesso e uso); 2. Informação e tomada de decisão para o tipo de nascimento.

4.3.1 Práticas informacionais relacionadas ao parto e nascimento (necessidade, busca, acesso e uso)

Foi possível perceber que as mulheres empregam práticas informacionais durante o período de gestação, como observado nos tópicos a seguir.

As mães relataram conhecimentos prévios passados de forma oral e empírica de outras mães mais experientes. Quando souberam da gravidez esse conhecimento mostrou-se insuficiente, gerando necessidades de informações mais seguras para a condução do novo. As práticas informacionais que se seguiram foram importantes para o bom desenvolvimento e segurança da tomada de decisão e acolhimento das situações que viriam a seguir.

4.3.1.1 Necessidade de informação

Questionadas sobre as necessidades de informação relacionadas ao tema que tiveram após saberem da gravidez de fato, as mães ressaltaram ter dúvidas sobre as vias de parto e suas implicações, o que foi entendido, utilizando a teoria de Bartalo, Di Chiara e Contani (2011), como utilização da informação para identificação da necessidade de informação.

Eu tive muitas dúvidas sobre parto e vias de parto. Tirei todas com minha obstetra, em cursos que fiz. Como meu conhecimento era básico, eu queria saber detalhes de como funcionavam as duas vias de parto (Mãe1).

O que eu procurei saber foi a respeito do parto normal, como eu poderia ajudar para que acontecesse parto normal, porque eu queria muito, sempre quis que fosse parto normal [...] Mãe 2.

Assim que eu descobri que estava grávida, todas as informações que eu já tinha sobre parto normal e sobre cesárea ficaram vagas para mim, porque uma coisa é você saber essa informação na escola ou com pessoas que já passaram por essa experiência e outra coisa é quando você sabe que vai passar e não tem outro jeito. Eu fiquei com bastante dúvidas, sabia como seria realizado cada procedimento de parto, mas eu estava com muito medo. Medo da dor, se fosse normal, se eu correria algum risco de morte. E da cesárea, pelo fato de ser uma cirurgia, eu sentia ainda mais medo pelo fato de ter anestesia, me cortar, levar ponto, a recuperação. Então eu senti bastante dúvidas em relação a isso. Também a questão do parto prematuro (Mãe3).

[...] Eu queria muito que fosse um parto normal, então [...]. Diante disso eu procurei me informar nos grupos do Facebook [...] também assisti a filme para entender mais como funciona essa questão do parto normal e também li um blog [...] (Mãe 4).

Depois que eu soube da gravidez eu comecei a pesquisar sobre tudo, a gente tem necessidade de tudo, pelo menos eu tive necessidade de saber o máximo possível sobre todos os temas que tinham a ver com parto e nascimento. Eu pesquisei muito sobre as vias de parto, lia muito relato de parto, muitas histórias de pessoas que eu conheço. Pesquisei sobre as maternidades que eu pensava em ter minha filha. Eu não sabia se queria ter no público ou no privado, então pesquisei em qual eu me sentiria mais à vontade, qual atendia mais as minhas necessidades [...] (Mãe5).

O conhecimento empírico que as mães relataram ter antes da gravidez, aliado a insegurança de que a informação obtida até então fosse incompleta ou equivocada para conduzir o estado gestacional, provocaram a necessidade de informação mais satisfatória, como Capurro (2003) e Souza (2016) sugerem apontando a teoria dos estados cognitivos anômalos de Belkin, sobre ter um estado de conhecimento apresentando lacunas a serem sanadas. A complexidade da nova informação exigia conhecimento mais efetivo.

Esse mesmo empirismo pode ser relacionado às dimensões apontadas por Shelton e Dixon (2004, apud CRUZ et al., 2011) quando as respondentes exprimem que seu estado cognitivo anterior (o conhecimento tácito sobre as informações já apreendidas sobre parto e nascimento) causou o surgimento das necessidades de informação; como a necessidade de informação aguçou o desejo de buscar informação, e nessa dimensão também se alinham Brown (1991), Itoga (1992), Solomon (1997) e Le Coadic (2004); e que existiram variados tipos de necessidades de informação, de acordo com a confiança de cada pessoa na fonte de informação.

4.3.1.2 Busca de informação

A definição da necessidade de informação, como advogam Brown (1991), Itoga (1992), Solomon (1997) e Le Coadic (2004), incita o desejo de busca de informações que sanem seus hiatos. As mães foram questionadas sobre onde, por que e como se deu sua busca de informação sobre parto e nascimento.

A maior parte das informações foram buscadas na internet, tive orientação também de uma doula que me orientou a assistir ao filme e li bastante textos. Me ajudou muito conversar com outras pessoas que passaram pelo processo de ter tido uma cesárea e depois um parto normal (Mãe6).

Eu busquei informações com o médico que me acompanhou no pré-natal. Tudo o que eu precisava saber sobre o parto eu perguntava para ele (Mãe7).

Eu peguei muita informação na internet, em redes sociais e no Google. Peguei informação nos locais que eu pretendia ter minha filha. Frequentei curso de gestante. Fiz oficina de

parto. Através de palestras em hospital. Peguei muita informação com minha doula, contratei uma doula para me auxiliar no parto e ela me dava muita indicação de livro e muito material para ler ao longo da gestação. Além de conversar com ela, que é muito experiente sobre parto. Em filmes como a trilogia “O renascimento do Parto”, que aprofunda muito na questão do parto e nascimento. Programas de televisão paga sobre nascimento, como o programa “Boas Vindas”, da GNT, sobre relatos de parto (Mãe5).

As participantes desenvolvem, de acordo com seus relatos, um caminho paralelo ao compreendido por Wilson (2000), quando buscaram informação por reconhecerem que havia necessidades a serem sanadas. Também praticam a teoria de Saracevic (2009) por meio dos procedimentos e estratégias de busca que adotaram para sua satisfação. É possível perceber a teoria de busca ativa da informação, explicada por Wilson (2000), quando as participantes se engajam em processos de busca em sistemas e fontes de informação formais voltados ao tema da necessidade, em grupos de redes sociais ou em consultas com profissionais de parto e nascimento, porém o autor também teoriza sobre a recepção passiva, quando outras pessoas recomendam fontes de informação ou exprimem suas experiências pessoais.

Esse desenvolvimento pessoal de cada participante em seu próprio processo de busca, com seus comportamentos e estratégias, é entendido por Kuhlthau (1993, apud PINTO, 2018) como forma de criação de significado para a apreensão do conhecimento contido na informação necessitada.

As etapas do processo de busca da informação, teorizado pela autora, podem ser analisadas pelas práticas das participantes. Na iniciação há o sentimento de incerteza e os pensamentos em relação à necessidade são indefinidos, a busca é superficial e a função é reconhecer a busca do tema. Na etapa de seleção, o otimismo surge, os pensamentos continuam dúbios e a busca ainda é rasa, porém a tarefa é identificar a busca. A confusão retorna na fase de exploração porque o foco se estreita para se obter um ponto de vista próprio da busca enquanto o pensamento ainda é vago, porém a busca já é exaustiva e o trabalho é investigar o tema.

4.3.1.3 Acesso à informação

Houve unanimidade em relação à questão sobre barreiras/dificuldades para acessar as informações buscadas. Nesta pergunta, todas as respondentes

afirmaram não encontrar adversidade ao acessarem as informações, fossem elas na internet, nos livros e artigos ou outros meios.

Eu busquei informação na internet, busquei com a minha médica e busquei em alguns cursos que fiz. Eu busquei informação para me preparar melhor para o momento do parto (Mãe 1).

As dificuldades que eu tive foram, justamente, as pessoas ao meu redor falando contra a minha opção de parto normal. Também os médicos que você procura de plano de saúde que, nas primeiras consultas que você vai procurar com o médico, que é quem você espera que te dê melhores informações, você via que era totalmente contraditório às informações que eu buscava (Mãe2).

[...] Eu pesquisei muito sobre as vias de parto, lia muito relato de parto, muitas histórias de pessoas que eu conheço. Pesquisei sobre as maternidades que eu pensava em ter minha filha. Eu não sabia se queria ter no público ou no privado, então pesquisei em qual eu me sentiria mais à vontade, qual atendia mais as minhas necessidades. [...] Eu peguei muita informação na internet, em redes sociais e no Google. Peguei informação nos locais que eu pretendia ter minha filha. Frequentei curso de gestante. Fiz oficina de parto. Através de palestras em hospital. Peguei muita informação com minha doula, contratei uma doula para me auxiliar no parto e ela me dava muita indicação de livro e muito material para ler ao longo da gestação. Além de conversar com ela, que é muito experiente sobre parto. Em filmes como a trilogia “O renascimento do Parto”, que aprofunda muito na questão do parto e nascimento. Programas de televisão paga sobre nascimento, como o programa “Boas Vindas”, da GNT, sobre relatos de parto (Mãe5).

A maior parte das informações foram buscadas na internet, tive orientação também de uma doula que me orientou a assistir ao filme e li bastante textos. Me ajudou muito conversar com outras pessoas que passaram pelo processo de ter tido uma cesárea e depois um parto normal (Mãe6).

Eu busquei informações com o médico que me acompanhou no pré-natal. Tudo o que eu precisava saber sobre o parto eu perguntava para ele (Mãe7).

O comportamento das usuárias em interagir com sistemas, canais e fontes de informação configura o acesso à informação, segundo Wilson (2000). No campo intelectual, as estratégias de escolha sobre qual canal transmitia mais segurança para cada caso ou processo, o que traz consigo implícitas as ações do nível humano, como passar a página do livro, acessar os sites ou anotar o que foi dito.

As participantes, praticando o que Wilson (2006 apud Pinto, 2018) chama de busca ativa, acessaram a informação por meio de sistemas formais de informação, como cursos de gestantes, palestras nas instituições de parto e filmes documentários relacionados ao tema. Também acessaram por meio de redes sociais que, a despeito de sua função principal, possuem grupos de convivência e informação sobre parto. A terceira forma de apresentação da busca ativa que

advoga o autor foi representada pelo acesso à informação por meio dos profissionais de parto (médicos obstetras, enfermeiras obstetras, doulas).

Não obstante, observou-se que houve resistência por parte de pessoas habituadas ao sistema de nascimentos por cirurgia cesariana, por naturalizarem esta prática em detrimento à via de parto normal.

4.3.1.4 Uso da informação

O uso que as mães fizeram da informação recuperada pôde ser observado pela segurança nas respostas que deram sobre o tema. As mães sentiram a necessidade de adicionar conhecimento ao que já possuíam sobre o tema, praticando a teoria de Belkin (1980), e buscaram informação. Partindo disso praticaram o uso no sentido de adquirir as equipes de auxílio ao parto e nascimento, os métodos de condução ao momento do parto, os locais onde aconteceriam os nascimentos, usando a informação para satisfazer seus desejos, praticando a teoria de Le Coadic (2004). As exigências de um parto de forma humanizada, as obrigações que essas mães tinham enquanto grávidas e puérperas⁶ foram realizadas de acordo com as informações que recuperaram e com o uso que fizeram com tais conhecimentos, de acordo com o sentido que cada uma empregou ao que pesquisou, como observado a seguir.

Eu pratiquei e utilizei todas as informações, foram muito úteis e bem direcionadas. Como? Eu busquei uma equipe que eu sabia que ia respeitar minha escolha de via de parto, então fiz um pré-natal todo direcionado. Durante o parto eu pude constatar todo esse respeito, tudo o que eu li que meu corpo seria capaz e realmente aconteceu, meu pós-parto muito tranquilo, minha amamentação eu não tive problema, recuperação muito boa também (Mãe2).

Utilizei. Já no final da gravidez, a enfermeira que me acompanhou durante o pré-natal havia me dado algumas informações para se acaso isso ocorresse comigo em casa, no meu dia-a-dia, para entrar em alerta e correr para o hospital. Com essas informações que ela me deu, eu fui observando e em uma dessas observações foi o que me fez salvar minha vida e a vida da bebê. [...] Eu acredito que essa informação de observar os movimentos da bebê que salvou nossas vidas (Mãe3).

⁶ O puerpério, também chamado de sobreparto ou pós-parto, é período cronologicamente variável durante o qual se desenvolvem todas as modificações involutivas das alterações causadas pela gravidez e o parto. Estas ocorrem tanto na genitália materna como no organismo de modo geral, perdurando até o retorno às condições pré-gravídicas. Fonte: <http://www.dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20130062>

[...] No momento em que eu estava ainda no final de gestação eu me sentia muito satisfeita com as informações que eu tinha adquirido. No final da gravidez eu parei de procurar informação, inclusive. Houve um momento, no final da gestação, que a informação já estava me saturando, de tanta que adquiri ao longo da gestação. Ainda assim, depois do nascimento eu percebi que precisava de um pouco mais de informação, por algo que eu só descobri quando entrei em trabalho de parto. E após o nascimento da minha filha, hoje, nesse pós-parto, eu vejo que ainda faltou um pouco de informação, que foi sobre indução de parto (Mãe 5).

Sim, eu utilizei as informações que tive, como falei eu perguntei muito sobre como ajudar para que fosse normal. E, como o médico sempre me falou que era me manter ativa fazendo exercício físico leve, caminhadas, fazer as coisas em casa, continuar trabalhando, foi tudo isso o que eu fiz. Ele falou que ia ser bom, que ia me ajudar, aí eu botei em prática. Eu fiz tudo o que ele falou que era para fazer, inclusive eu jogava vôlei e continuei jogando até o 5º mês, continuei na aula de vôlei até o 5º mês e só parei porque a barriga já estava grande e eu fiquei com medo de acertar alguma bolada na barriga ou de escorregar e cair, me machucar [...] (Mãe7).

As participantes discorrem o uso da informação como peça essencial na tomada da decisão sobre a forma que ocorreria o parto. O estado de conhecimento de cada uma, mesmo já diferente pela vivência particular, foi alterado desde o conhecimento da gravidez, como entende Choo (2006). As mães já possuíam crenças e valores que foram levados em consideração para que umas informações fossem aceitas e praticadas em detrimento de outras. A cognição teve papel importante na criação de estratégias de seleção das informações que seriam usadas entre as recuperadas.

4.4 Informação e tomada de decisão para o tipo de nascimento

Foi questionado às participantes se as práticas que fizeram com o uso das informações recuperadas causaram impacto na tomada de decisão de como seria a via e o tipo de parto.

As informações que eu obtive me fizeram tomar várias atitudes durante a gravidez para que no meu parto pudesse ocorrer tudo bem ou da melhor maneira possível. Não mudou a minha opção de via de parto, porém mudou a minha conduta durante a gravidez para que ocorresse tudo bem ou da melhor maneira possível na hora do meu parto (Mãe 1).

As informações foram cruciais para a minha escolha de parto normal e mudou totalmente a forma de ver o mundo assim [...] (Mãe 2).

Fiz mudanças em relação à alimentação e aos cuidados com o corpo, por exemplo parei de beber bebidas alcoólicas e fumar, comecei a fazer atividade física e me alimentar melhor. Em relação ao parto, eu já queria o parto normal, então fortaleci a minha ideia. Com a minha informação eu tive a certeza de que eu queria parto normal (Mãe 5).

As informações que eu encontrei ajudaram a ter uma decisão mais clara porque quando vai chegando ao final da gravidez tem muita pressão da família, dos conhecidos sobre o nascimento, e como eu queria que ela nascesse no dia que ela achasse melhor e que fosse um parto normal e o mais natural possível, eu fiquei mais tranquila com a minha decisão, embasada nas informações que eu encontrei (Mãe 6).

Não mudou minha forma de pensar ou minha vontade, apenas reforçou a vontade que eu tinha de ter o parto normal (Mãe 7).

As mudanças de comportamento, de práticas e de pensamento, em relação ao tema parto e nascimento, ocorreram conforme as mães absorviam e utilizavam as informações recuperadas para que o nascimento ocorresse como desejavam.

O uso da informação auxiliou as mães a tomarem decisões durante todo o período de gravidez, porém ao se aproximarem do processo central, o trabalho de parto, houve confronto entre as certezas que as informações apreendidas lhes proporcionaram e as informações médicas dos exames efetuados no momento do trabalho de parto.

Num segundo momento, as mães foram questionadas se houve alguma informação inesperada que causou a necessidade de mudança na decisão já tomada de como seria conduzido o trabalho de parto.

Ocorreu uma situação que eu não esperava. Eu tive que induzir o meu parto normal. Eu gostaria de ter parto normal, mas tive que induzir. E de acordo com as informações que eu obtive durante a gravidez, induzir o parto normal não era uma opção que me agradava, mas tive que fazer. Depois de um tempo, eu não consegui ter um parto normal e fui pra via de parto cesárea. E graças às informações que eu tive durante a gravidez, foi um parto super tranquilo, mesmo sendo a cesárea e não minha opção principal (Mãe 1).

Não, nada alterou, foi tudo conforme eu busquei informação. Meu plano de parto foi todo respeitado. Saiu tudo certo, tudo maravilhoso (Mãe 2).

Tive sim informações que alteraram meu plano de parto. Antes e durante minha gestação eu tinha certeza de que queria um parto normal. Com 40 semanas de gestação, em uma consulta de rotina, minha pressão estava alta, então tive que 'entrar com' remédio para poder controlar a pressão no final da gravidez, e a orientação que eu tive dos médicos seria induzir o meu parto ali com 40 semanas ou ir logo para uma cesárea. Foi a primeira informação que interferiu no meu plano de parto. Com base nas informações que eu tive ao longo da gestação, eu sabia que poderia esperar um pouco mais, que eu não precisava induzir logo o meu parto e que daria para esperar pelo menos até 41 semanas. Mais uma vez foi mais uma informação que eu utilizei, foi algo que me fez mudar. Eu fui para a casa, apesar do diagnóstico de pressão alta e o conselho médico de induzir ou ir logo para uma cesárea, eu fui para a casa e comecei a fazer atividade física mais intensa, mais atividade com bola, mais caminhada, mais banho quente, eu dançava, várias técnicas que eu pesquisei para poder induzir o parto de maneira natural, sem remédio (Mãe 5).

Foram algumas situações inesperadas. Uma que eu tive um pico de pressão quando estava com 40 semanas e dois dias. E a neném estava ganhando muito peso, já estava próximo às 41 semanas, o médico indicou a indução. [...] Depois de 36 horas ele perguntou se eu queria continuar tentando a indução, poderia fazer exame para ver se estava evoluindo, ou se eu não preferia fazer a cesárea. Então eu e meu marido conversamos e escolhemos fazer a cesárea. [...] Porém algumas coisas que eu não queria que ela fosse separada de mim logo no nascimento, que ela pudesse mamar assim que nascesse, que os primeiros cuidados fossem ao meu lado, tudo isso foi feito. Então foi satisfatório o desfecho, apesar de não ter sido da forma como eu desejava (Mãe 6).

Quando o plano de parto das mães foi mudado, por responsabilidade das novas informações recebidas pelos profissionais de parto, a aceitação dessa mudança se baseia na leitura que Pinto (2018) fez de Wilson (2006). O autor entende que essa aceitação ocorre quando ações materiais (complicações perceptíveis) e mentais (crença no valor moral da equipe de parto) são convergentes. Também pode perceber a maior concordância pelo fato de as novas informações terem proximidade contextual com as informações anteriores já processadas e significativas.

As mães também utilizam o processamento das vantagens e desvantagens, um dos três modos de uso da informação de Choo (2003), e analisam a informação com base nas alternativas propostas para tomar a decisão que mais lhes faz sentido.

Assim é possível entender que as práticas informacionais estão relacionadas com a tomada de decisão da forma como nascemos observando a participação ativa das mulheres nas decisões relacionadas ao nascimento do filho. Por saber como reconhecer processos e sintomas, uma mãe pôde se recusar a um procedimento imediato sugerido pelo médico por entender que poderia aguardar mais tempo uma resposta natural de seu corpo. Outra recorreu ao auxílio médico quando percebeu descompasso no comportamento do bebê em seu ventre, resultado do uso das informações apreendidas durante as palestras de pré-natal. Uma terceira mãe não se deteve em sua convicção mesmo sob reprovações e protestos de pessoas próximas com crenças e valores diferentes dos seus, uma vez que praticar a informação recuperada emprestou-lhe domínio suficiente para desprezar argumentos empiristas. Além do empoderamento intelectual e cognitivo, o conhecimento adquirido com as práticas informacionais sustenta a segurança de recuar de uma decisão anterior em face de informações relevantes, como evidências clínicas apontadas pelas fontes de informação que gozam da confiança das mães.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da influência da informação na tomada de decisão da forma como nascem os filhos do DF foi o objetivo central desta investigação. Para obtenção da resposta, foi resgatada a linha do tempo dos estudos de usos e usuários da informação em seus três períodos com suas respectivas abordagens e paradigmas enfrentados. Também foram estudadas as vias de nascimento e os tipos de parto praticados, suas definições e benefícios. O papel social da Biblioteconomia e sua importante missão de guardiã da informação, assim como a CI, é lembrado para que faça sentido a abordagem de tal tema em nossa seara.

Os processos para encontrar o objetivo geral de relacionar as práticas utilizadas pelas mulheres grávidas do DF e sua decisão de como parir foram marcados pela identificação de outros objetivos específicos, como a identificação das necessidades de informação que essas mães sentem sobre o tema, suas práticas de busca, acesso e uso da informação, e entender convergências entre a matéria informação com o tema parto e nascimento.

5.1 Identificar as necessidades de informação de mães do DF em relação ao período de gestação e a tomada de decisão sobre a via de nascimento.

A resposta para o primeiro objetivo foi conseguida encontrando sete mães moradoras do DF que tiveram filho em 2019, classificadas pela região de saúde distrital em que moram e denominadas conforme essa região, como Mãe 1 a Mãe 7. Após devidamente identificadas em suas particularidades, as mães revelaram suas necessidades de informação sobre parto e nascimento, vias e tipos de parto, locais e profissionais de auxílio ao parto, procedimentos que findaram criando outras necessidades, como comportamentos da mulher para que facilitasse um tipo de parto que ela desejava, levando em consideração seus conhecimentos anteriores e possível planejamento da gravidez.

5.2 Identificar práticas de busca, acesso e uso tocantes ao período de gestação e nascimento de mães do DF.

O segundo objetivo foi respondido pelo fato de as mães não terem segurança nos conhecimentos informais que possuíam anteriormente, o que gerou a necessidade de informação, impulsionando-as a buscarem informações que tranquilizassem seus anseios.

- Desenvolveram estratégias de busca, porém também receberam informações que não diretamente buscavam;
- Acessaram fontes e sistemas de informação de acordo com o conhecimento e a crença de cada uma, com pesos e medidas para criar significado ao que recebiam e recuperavam;
- Usaram a informação recuperada assimilando o que desejavam e descartando o que não satisfazia suas necessidades, fizeram valer suas vontades usando a informação como argumento para eventuais decisões tomadas antes de consultá-las; aceitaram novas informações entendendo o sentido que faziam por relacionarem com o conhecimento já apreendido pelas informações anteriores e confiando nas fontes que lhes transmitiam essas novas informações.

5.3 Verificar percepções entre gestação, nascimento e informação para a tomada de decisão.

Por fim, para compreender os laços que unem informação com a forma de nascer, este trabalho requereu que fossem estudadas as práticas informacionais das pessoas em seu mais amplo alcance - como em grupos com um mesmo objetivo - e individualmente, de cada mãe em seu conhecimento tácito e desejo singular, com suas crenças e valores.

Pode ser inferido que o conhecimento gerado pela prática informacional causa segurança para rejeitar outras informações que não façam sentido em relação ao que se tem, para buscar informações que sanem vagas no conhecimento preexistente ou complementem esse conhecimento, para aprender onde e como acessar o conhecimento e quais fontes confiar ou ignorar.

As mães participantes desta pesquisa mostram que a confiança na fonte de informação pode fortalecer a intenção de um caminho, porém também pode pacificar o usuário em uma eventual mudança inesperada para um desfecho não desejado. Isso posto, temos a importância da informação estar disponível de forma imparcial, nítida e honesta, da estratégia de busca ser revisada a cada nova informação, da comunicação ser posta como parte do uso para que mais usuários com as mesmas necessidades possam reagir ou complementar.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Daniela Pereira dos Reis de; ANTONIO, Deise Maria; BOCCATO, Vera Regina Casari; GONÇALVES, Maria Carolina; RAMALHO, Rogério Aparecido Sá. Paradigmas contemporâneos da Ciência da Informação: a recuperação da informação como ponto focal. **Revista Eletrônica Informação e Cognição**, Marília, v. 6, ed. 1, p. 16-27, 2007. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/reic/article/view/745>. Acesso em: 11 jan. 2020.
- ANTUNES, Camila da Silva. **O papel do bibliotecário no acesso à informação: a escolha informada na opção do modelo de parto**. Orientador: Prof^ª Dr^ª Naira Christofolletti Silveira. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) - Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4304748. Acesso em: 29 nov. 2019.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **Estudos de usuários: uma abordagem na linha de ICS**. In: CABRAL, Ana Maria Rezende; REIS, Alcenir Soares dos (Org.). Informação, cultura e sociedade: interlocuções e perspectivas. Belo Horizonte: Novatus, 2007. p. 81-100.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Um mapa dos estudos de usuários da informação no Brasil. **Em Questão**. Porto Alegre, ano 2009, v. 15, n. 1, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/9317/5802>. Acesso em: 15 ago. 2019.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O QUE SÃO “PRÁTICAS INFORMACIONAIS”? **Informação em Pauta**, v. 2, n. Especial, p. 217-236, nov. 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20655>. Acesso em: 29 jul. 2019.
- BARBOSA, Andreza Gonçalves. **Práticas informacionais das apenadas do Centro de Referência à Gestante Privada de Liberdade de Vespasiano-MG**. Orientador: Prof^ª Dr^ª Adriana Bogliolo Sirihal Duarte. 2017. 137 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-B4YJ7Z/1/disserta_o_final_digital_26_04_18_pdf_1_.pdf. Acesso em: 29 nov. 2019.
- BARTALO, Linete; DI CHIARA, Ivone Guerreiro; CONTANI, Miguel Luiz. Competência informacional: suas múltiplas relações. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24. Maceió, 2011. **Anais Eletrônico...** Maceió: FEBAB, 2011. Disponível em: <http://febab.org.br/congressos/index.php/cbbd/xxiv/paper/viewFile/596/411>. Acesso em: 12 ago. 2017.

BERTI, Ilemar Cristina Wey; BARTALO, Linete. Significado cultural e comportamento informacional. **Rebecin**, v. 4, n. 2, p. 98-118, 2017. Disponível em: <http://abecin.org.br/portalderevistas/index.php/rebecin/article/view/59/pdf>. Acesso em: 22 ago. 2019.

BORGES, Mônica Erichsen Nassif *et al.* A Ciência da Informação discutida à luz das teorias cognitivas: Estudos atuais e perspectivas para a área. **Cadernos Bad (Portugal)**. n. 2. 2004. p.80-91.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ENANCIB, 2003. p. 1-21. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 09 ago. 2019.

CHOO, Chun Wei. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. 2. ed. São Paulo, SP: SENAC, 2006. 425p.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução: Oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

_____. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução: Magda França Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRUZ, Fernando William *et al.* Um modelo para mapeamento de necessidades e usos de informação musical. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 207-227, jun. 2011. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-99362011000200013>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362011000200013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 nov. 2019.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2008. 451 p. Resenha de: CALDEIRA, Paulo da Terra. *PCIOnline*, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-99362009000100016>. Acesso em: 29 jul. 2019.

DISTRITO FEDERAL. **Decreto nº 38.982, de 10 de abril de 2018**. Altera a estrutura administrativa da Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal e dá outras providências. Brasília, 10 abr. 2018. Disponível em: <http://www.saude.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/Decreto-n.%C2%BA-38.982-2018-Altera-a-estrutura-administrativa-da-SES-DF.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2019.

DUCKWORTH, Ana Maria Villa do Conde, DE PAULA, Lícia Pupo, MARQUES, Sandro. Centro Virtual de Recursos para Surdos: planejamento de área de informações médico-educacionais de um website para famílias de crianças Surdas no contexto da educação pública. *In*: 1º CONGRESSO INTERNACIONAL DE TELEMEDICINA, EDUCAÇÃO E TREINAMENTO À DISTÂNCIA, São Paulo, nov.

1999. **Poster** [...]. São Paulo: RELACOM, AMCHAM, 1999. Disponível em: <http://www.telmed.com.br/telmed99/posters/18/>. Acesso em: 20 dez. 2019.

ENKIN, Murray; KEIRSE, Marc J. N. C; NEILSON, James; CROWTHER, Caroline; DULEY, Leila; HODNETT, Ellen; HOFMEYR, Justus. Parto vaginal instrumental. In: GUIA para atenção efetiva na gravidez e no parto. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. cap. 41, p. 212-214. Disponível em: <https://bionascimento.com/wp-content/uploads/2015/08/pcap041.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2020.

GANDRA, Tatiane Krempser; SIRIHAL DUARTE, Adriana Bogliolo. Usuários da informação sob a perspectiva fenomenológica: revisão de literatura e proposta de postura metodológica de pesquisa. **Informação & Sociedade** (UFPB. Online), v. 22, p. 13-23, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/10861>. Acesso em: 21 set. 2019.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias; COSTA, Sely Maria de Souza. Evolução teórico-metodológica dos estudos de comportamento informacional de usuários. **Ciência da Informação**, [S.l.], v. 39, n. 1, nov. 2010. ISSN 1518-8353. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1285>. Acesso em: 14 ago. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2017. 173 p.

KAFURE, Ivette. Concepção interdisciplinar da interface do sistema de gestão da informação. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, [S.l.], v. 2, n. 2, abr. 2011. ISSN 1983-5213. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/ojs248/index.php/RICI/article/view/3642/3180>. Acesso em: 14 ago. 2019.

LINDEMANN, Catia Rejane. A busca pela Biblioteconomia social por meio da ciência da informação. 2014. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Biblioteconomia), Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2014. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/6000/BIBLIO%20SOCIAL.pdf?sequence>. Acesso em: 1º dez. 2019.

MALACARNE, Juliana; REIS, Aline. Tipos de parto normal: o nascimento vaginal pode acontecer de formas diferentes: entenda os tipos de parto. **Revista Crescer**, 2019. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Gravidez/Parto/noticia/2019/08/tipos-de-parto-normal.html>. Acesso em: 18 nov. 2019a.

MALACARNE, Juliana. Tipos de parto: conheça 9 e escolha o melhor para você: Um guia com as características, vantagens e desvantagens de algumas das modalidades mais famosas. **Revista Crescer**, 2019. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Gravidez/Parto/noticia/2019/07/tipos-de-parto-conheca-9-e-escolha-o-melhor-para-voce.html>. Acesso em: 18 nov. 2019b.

MATTAR, João. Metodologia científica na era digital. 4. Ed. São Paulo: Atlasbooks, 2017.

MOLDENHAUER, Julie S. Parto normal operatório. *In: Manuais MSD*. Kenilworth, NJ, EUA, 2020. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt-br/casa/problemas-de-sa%C3%BAde-feminina/complica%C3%A7%C3%B5es-do-trabalho-de-parto-e-do-parto/parto-normal-operat%C3%B3rio>. Acesso em: 5 ago. 2020.

MORAES, Eleonora de. Tipos de parto? Que classificação é essa? **Despertar do parto**, [201?]. Disponível em: <https://www.despertardoparto.com.br/tipos-de-parto-que-classificacao-eh-essa.html>. Acesso em: 18 nov. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Declaração da OMS sobre taxas de cesáreas**. Genebra, 2015. Disponível em: https://www.who.int/reproductivehealth/publications/maternal_perinatal_health/cs-statement/pt/. Acesso em: 18 nov. 2019.

PINTO, Elton Mártires. **Informação e transgeneridade**: o comportamento informacional de mulheres transgêneras e as percepções da identidade de gênero. Orientador: Prof. Dr. Fernando César Lima Leite. 2018. 137 f. Tese (Mestre em Ciência da Informação.) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2018. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/32044/1/2018_EltonM%c3%a1rtiresPinto.pdf. Acesso em: 9 ago. 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Universidade Feevale, 2013. 276 p. Disponível em: <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

ROCHA, Janicy Aparecida Pereira; SIRIHAL DUARTE, Adriana Bogliolo; DE PAULA, Claudio Paixão Anastácio. Modelos de práticas informacionais. **Em Questão**, Porto Alegre, 2017, v. 23, n. 1, p. 36-61, 2017. ISSN 1808-5245. DOI 1808-5245231.36-61. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/67014>. Acesso em: 28 set. 2019.

ROCHA, Eliane Cristina de Freitas; GANDRA, Tatiane Krempser; ROCHA, Janicy Aparecida Pereira. Práticas informacionais: nova abordagem para os estudos de usuários da informação. **RevistaBiblios**: Journal of Librarianship and Information Science. n. 68, p. 96-109, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.org/pe/pdf/biblios/n68/a07n68.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2018.

SARACEVIC, Tefko. **Interdisciplinary nature of information science**. Ciência da Informação, Brasília, v. 24, n. 1, p. 36-41, 1995.

SILVA, Marcos Noé Pedro da. "População e amostras". **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/matematica/populacao-amostras.htm>. Acesso em: 06 nov. 2019.

SOUZA, Flávia Moreno Alves de. **Impacto do fator emocional quando da recuperação de informação da home page do Departamento de Doenças Sexualmente Transmissíveis, AIDS e Hepatites Virais da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde**. 2016. 162 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/20359>. Acesso em: 20 nov. 2019.

WELLICHAN, Danielle da Silva Pinheiro. **Comportamento informacional de profissionais no domínio da saúde**: um estudo junto ao Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais da Universidade de São Paulo. 2015. 128 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/123174>. Acesso em: 18 nov. 2019.

WILSON, Thomas D. Human information behavior. **Informing Science**, v. 3, n. 2, p. 49-55, 2000. Disponível em: <http://inform.nu/Articles/Vol3/v3n2p49-56.pdf> Acesso em: 07 jul. 2019.

APÊNDICE - A
ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Roteiro de entrevista									
Perfil	1. Você mora em qual região de saúde do DF?								
	Região de Saúde Central	Asa Norte, Lago Norte, Varjão, Cruzeiro, Sudoeste, Octogonal, Asa Sul							
	Região de Saúde Centro-Sul	Núcleo Bandeirante, Riacho Fundo I e II, Park Way, Candangolândia, Guará, Setor de Indústria e Abastecimento (SIA), Setor Complementar de Indústria e Abastecimento (SCIA) e Estrutural							
	Região de Saúde Norte	Planaltina, Sobradinho, Sobradinho II e Fercal							
	Região de Saúde Sul	Gama e Santa Maria							
	Região de Saúde Leste	Lago Sul, Paranoá, Itapoã, Jardim Botânico e São Sebastião							
	Região de Saúde Oeste	Ceilândia e Brazlândia							
	Região de Saúde Sudoeste	Taguatinga, Vicente Pires, Águas Claras, Recanto das Emas e Samambaia							
	2. Qual é o seu nível de escolaridade?								
<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 50%; text-align: center;">() Fundamental incompleto</td> <td style="width: 50%; text-align: center;">() Fundamental completo</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">() Médio incompleto</td> <td style="text-align: center;">() Médio completo</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">() Superior incompleto</td> <td style="text-align: center;">() Superior completo</td> </tr> <tr> <td colspan="2" style="text-align: center;">() Pós-graduação +</td> </tr> </table>		() Fundamental incompleto	() Fundamental completo	() Médio incompleto	() Médio completo	() Superior incompleto	() Superior completo	() Pós-graduação +	
() Fundamental incompleto	() Fundamental completo								
() Médio incompleto	() Médio completo								
() Superior incompleto	() Superior completo								
() Pós-graduação +									
3. Qual é a sua ocupação?									
Introdução	4. Você tinha conhecimento prévio sobre tipos de parto e nascimento? Como você descreve esse conhecimento?								
	5. A gravidez do bebê nascido em 2019 foi planejada? Como?								
Necessidades	6. Quais foram suas necessidades de informação sobre parto e nascimento durante a gravidez do bebê nascido em 2019?								
Busca	7. Onde você buscou informação? Por que você buscou informação? Como você buscou informação? (sobre parto e nascimento considerando o bebê nascido em 2019)								
Acesso	8. Você encontrou dificuldades/barreiras para acessar as informações sobre parto e nascimento que buscava?								
Uso	9. Você utilizou as informações recuperadas sobre parto e nascimento? Como utilizou? Para qual finalidade?								

	10. O uso dessas informações satisfaz suas dúvidas/ necessidades de informação sobre parto e nascimento?
	11. O uso das informações recuperadas provocou alguma mudança em você, especialmente para a tomada de decisão da forma como nasceria o bebê de 2019?
Encerramento	12. Pensando nas questões pontuadas acima, no período em que ocorreu o trabalho de parto aconteceu alguma situação inesperada, percebida por você ou informada por outra pessoa que alterou sua decisão sobre a forma de nascer que já estava escolhida?